

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE REALIZAÇÃO AUDIOVISUAL

NATÁLIA POLLA

RETURN TO OZ:

O mundo mágico a partir de um transtorno psicológico

São Leopoldo

2020

NATÁLIA POLLA

RETURN TO OZ:

O mundo mágico a partir de um transtorno psicológico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Realização Audiovisual, pelo Curso de Realização Audiovisual da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Profa. Renata Heinz.

São Leopoldo

2020

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha professora e orientadora Renata Heinz pelo constante apoio ao longo da escritura deste trabalho e pelas pertinentes contribuições para a concretização desta pesquisa. As reuniões e conversas me deram apoio para conseguir concluir essa etapa tão importante da vida acadêmica. Saúdo a todos os professores do curso de Realização Audiovisual que, com seus ensinamentos, de alguma forma, me deram a base necessária para chegar até aqui. Reconheço também com muita gratidão Thays Prado pelo trabalho minucioso de revisão de texto e formatação que ajudaram a dar os toques finais ao trabalho. Muito importante foi a participação da Doutora Nádia Ahmad, que aceitou participar da pesquisa, dando sua visão profissional sobre o que o filme apresenta.

Preciso agradecer imensamente a minha família e amigos por me manterem de pé no momento difícil pelo qual estamos passando, sempre com palavras de encorajamento, não me deixando desistir quando tudo parecia impossível. Minha mãe, Márcia Inês Polla, formada em Letras, que me auxiliou ao ler e apontar possíveis melhoras a serem feitas. Thiago Dorsch e Beatrice Fontana, meus veteranos do curso de Realização Audiovisual, que me ajudaram com relatos sobre suas experiências com o TCC e dicas de organização. Minha colega e amiga Júlia Heerdt, que contribuiu na pesquisa por documentos de medicina e psiquiatria, compartilhando comigo seus achados. Além das dicas e conselhos, pude contar com o acolhimento de um grupo de pessoas queridas que me proporcionaram momentos de descontração nos intervalos do trabalho e nos momentos de tensão. Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como intuito analisar o longa-metragem *Return to Oz* (1985, Walter Murch), dissecando seus elementos para elucidar os mecanismos visuais e narratológicos utilizados para construir o mundo fantástico de Oz a partir da mente da personagem Dorothy Gale. Mesclando conceitos da psiquiatria e do cinema, busco provar a hipótese de que o mundo mágico seja uma extensão do mundo real, criada partir de um transtorno psicológico desenvolvido pela personagem principal. Para isso, será utilizado o método da análise fílmica, com base nos estudos de Francis Vanoye, Anne Goliot-Leté, Jacques Aumont e Michel Marie, além do conteúdo teórico baseado em pesquisas e depoimentos de profissionais da psiquiatria. Analisando os aspectos técnicos e subjetivos de *Return to Oz*, descobrem-se inúmeros indícios que apontam para a loucura de Dorothy, assim como diferentes significados que podem ser agregados às personagens e situações durante o filme. Quando examinados de forma mais profunda, esses aspectos, mesmo que nas entrelinhas, se mostram concretos.

Palavras-chave: Análise. Transtorno Psicológico. O Mágico de Oz.

ABSTRACT

This undergraduate paper aims to analyse the feature film *Return to Oz* (1985), dissecting its elements to elucidate the visual and narratological strategies used to build the marvellous land of Oz stemming from Dorothy Gales' mind. Merging concepts from Psychiatry and Cinema, the work tries to prove the hypothesis that the magical world is an extension of reality, created by a psychological disorder suffered by the main character. The method is film analysis based on the studies of Francis Vanoye, Anne Goliot-Leté, Jacques Aumont and Michel Marie, in addition to the theoretical content based on research and testimonies from psychiatric professionals. There are numerous indications that point to Dorothy's madness, as well as different meanings that can be added onto characters and situations during the film. When examined more deeply, these aspects, even between the lines, appear as concrete.

Keywords: Analysis. Mental Illness. The Wizard of Oz.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Tornado de musseline	17
Figura 2. Cavalo com pó de gelatina	17
Figura 3. Judy Garland e Fairuza Balk	18
Figura 4. Espantalho: Livro x The Wizard of Oz x Return to Oz	20
Figura 5. Homem de Lata: Livro x The Wizard of Oz x Return to Oz	20
Figura 6. Tik-Tok: Livro x Return to Oz.....	21
Figura 7. Seguidores de Rei Nome	21
Figura 8. Mudança de Rei Nome.....	22
Figura 9. Hospital do filme x realidade de 1899.....	31
Figura 10. Antes e depois.....	34
Figura 11. Ilusão x Realidade	36
Figura 12. Paramédicos	37
Figura 13. "Chave de Oz"	40
Figura 14. Máquina de Eletrochoque.....	45
Figura 15. Enfermeiro e homem-roda.....	47
Figura 16. Tik-Tok e máquina.....	47
Figura 17. Dando corda.....	48
Figura 18. O Gump.....	49
Figura 19. Jack Cabeça de Abóbora	49
Figura 20. Chaves	50
Figura 21. Número 31.....	51
Figura 22. Lancheira.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OZ 46 ANOS DEPOIS.....	14
3 CINEMA, LOUCURA E REPRESENTAÇÃO.....	25
3.1 Representatividade	25
3.2 Eletroconvulsoterapia	27
3.3 Os hospitais e a psicologia no século XIX	29
3.4 Anos 1980.....	32
3.5 Estratégias de representação	34
4 OS TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS EM <i>RETURN TO OZ</i>	38
5 UM MUNDO NÃO TÃO MÁGICO ASSIM.....	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

Return to Oz ou O Fantástico Mundo de Oz (1985), uma continuação não oficial do clássico musical *The Wizard of Oz* ou O Mágico de Oz (1939, Victor Fleming), é um filme infantil com uma virada macabra (no sentido de transformar uma história clássica e mágica em algo mais sério e sombrio, como uma releitura). Walter Murch, ao dirigir o filme, baseou-se nos livros de L. Frank Baum¹, mas adicionou elementos assustadores tanto para crianças quanto para adultos. E se Tia Em deixasse Dorothy em um hospital psiquiátrico? E se os companheiros da protagonista sumissem? E se Oz fosse uma extensão do subconsciente de Dorothy? E se o trauma da vida em crise tivesse criado um refúgio na psicose?

Quando a querida personagem Dorothy apresenta sintomas de loucura e é levada para terapia de eletrochoque, é possível perceber que *Return to Oz* segue um caminho muito diferente do filme *The Wizard of Oz*. O filme de 1939 narra a história de Dorothy, que, após ter a casa levada por um tornado, chega ao mundo mágico de Oz e enfrenta obstáculos com seus aliados. O longa-metragem inicia em preto e branco, quando ainda estamos no Kansas, e se torna ultra colorido no momento em que chegamos à Oz. Há muito canto e dança, e, apesar das ameaças, como a Bruxa Má do Oeste, Dorothy percorre o caminho, com o apoio do Leão Covarde, do Homem de Lata e do Espantalho, em um universo esteticamente imaculado: uma estrada de tijolos amarelos vibrante, uma variedade de flores pelo caminho, Glinda vestindo glitter dos pés à cabeça e uma Cidade das Esmeraldas idílica rodeada por um mar de flores. Até mesmo os vilões usam fantasias agradáveis ao olhar. Já em *Return to Oz*, tanto a realidade quanto o mundo de Oz são menos otimistas. Após o tornado, com a casa destruída, os tios de Dorothy precisam lidar com a falta de dinheiro, enquanto ela sofre com insônia e tristeza, sempre relatando sua saudade de Oz. Ela interpreta situações ordinárias como sinais vindos do mundo mágico. Tia Em, preocupada, decide levá-la ao novo médico da cidade, especialista em eletroconvulsoterapia (ECT). Nos livros em que o filme foi baseado, a passagem de Dorothy pelo hospital psiquiátrico simplesmente não existe. Esse detalhe foi adicionado por Walter Murch e Gill Dennis durante a escritura do roteiro.

¹ WIKIPÉDIA. Lista dos livros da série Terra de Oz. Postado em: 24 jul. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_livros_da_s%C3%A9rie_Terra_de_Oz . Acesso em: 30 set. 2020

Fugindo da expectativa do escape para um mundo mágico, Dorothy encontra Oz destruída e dominada por forças malignas, reflexo de sua mente conturbada. Dessa vez não há canto e dança recebendo-a, nem bruxas do bem ou moradores acolhedores. Na Oz que Dorothy encontra, a estrada de tijolos amarelos está destruída, assim como a Cidade das Esmeraldas, onde todos os moradores foram transformados em pedra, incluindo seus antigos aliados: o Homem de Lata e o Leão Covarde. Olhos escondidos a observam, seus novos inimigos são muito mais assustadores. Ao longo do filme, elementos da vida de Dorothy se transferem para o mundo mágico. Apesar de não ficar explícita a presença de uma doença mental, a partir das entrelinhas e indícios, tanto narratológicos quanto imagéticos, é possível perceber uma distorção da realidade a partir da mente de Dorothy. Segundo Jacques Aumont (1993), a imagem não representa tudo em si, a imaginação e expectativas do público são essenciais para criar significado. Acredito que seja o caso de *Return to Oz*: visto superficialmente, parece ser um filme sobre a imaginação fértil de Dorothy, mas, quando analisado a fundo, revela aspectos sombrios e evidências de um transtorno psicológico.

Vale apontar que, na década de 1980, parecia haver uma tendência de filmes infantis com elementos perturbadores e macabros. Longas-metragens como *Labirinto* (1986, Jim Henson), onde duendes sequestram uma criança e sua irmã precisa salvá-lo passando por um labirinto sinistro; *A Lenda* (1985, Ridley Scott), no qual o Lorde das Trevas, literalmente com pele vermelha e chifres gigantescos, pretende impor a noite eterna, matando unicórnios e se casando com a mocinha, e *A História Sem Fim* (1984, Wolfgang Petersen), em que Atreyu assiste seu cavalo afundar e morrer no “pântano da tristeza”. Mas *Return to Oz* não foi o único filme da Disney a causar controvérsias nos anos 1980. A animação *O Caldeirão Mágico* (1985, Richard Rich e Ted Berman) foi o primeiro filme da produtora a ter a classificação etária PG (*parental guidance*), que indica a necessidade do acompanhamento parental, e não U (*universal*), como sempre fora. Em um filme de visuais sinistros, um menino vai em busca de um caldeirão que traz os mortos de volta à vida. *Return to Oz* não foi o único filme infantil da época a apresentar uma visão sombria e distorcida do mundo, mas seus mecanismos para, de forma sutil, indicar a presença de um distúrbio mental ainda se mantêm pertinentes para este estudo da representação da loucura no cinema.

A indústria e o mercado cinematográficos parecem fascinados pela questão psicológica, se levarmos em conta o número de filmes sobre esse tema ao longo das

décadas. *Return to Oz* não é considerado, em um primeiro momento, um filme sobre distúrbios psicológicos, mas inúmeros aspectos sobre ele apontam para esse caminho. Como a presença do hospital psiquiátrico e a transferência de elementos da vida real para o mundo mágico. Apesar de se tratar de um filme infantil sobre um mundo mágico, *Return to Oz* nos mostra uma realidade primitiva em relação à psiquiatria. Quando Dorothy apresenta sintomas que os tios relacionam à loucura, levam a menina até um novo médico, especializado em terapia de choque.

Há filmes em que a “loucura” fica explícita, enquanto outros preferem deixá-la nas entrelinhas. Um grande exemplo é o clássico *O Gabinete do Doutor Caligari* (1919, Robert Wiene), no qual o diretor de um hospital psiquiátrico usa a ajuda de um sonâmbulo para cometer crimes. Ao final do filme descobre-se que a história não passava de uma fantasia contada por um paciente, cujos sintomas apontam esquizofrenia paranoide e que acreditava estar sendo perseguido, causando um estado violento. A lista de filmes com a temática é gigantesca; para citar alguns mais recentes: *A Ilha do Medo* (2010, Martin Scorsese), no qual a ambiguidade da obra nos deixa sempre em dúvida sobre o que é real, junto com o personagem; *O Mistério das Duas Irmãs* (2009, Charles Guard e Thomas Guard), que nos apresenta a história de duas irmãs em situação macabras para apenas no final descobrimos que uma delas já estava morta e era criação da mente da outra; *Cisne Negro* (2010, Darren Aronofsky), em que, durante a busca incessante para ser uma bailarina perfeita, a protagonista começa a apresentar delírios e alucinações que se agravam de forma a levar à sua morte. Dentre esses filmes, as técnicas para a representação da loucura se distinguem. Em *A Ilha do Medo*, já ambientado em um hospital psiquiátrico, o que parece de início um filme de investigação é aos poucos transformado em um thriller psicológico. O personagem principal fica cada vez mais instável, sua aparência vai se deteriorando e o trauma que o deixou doente é apresentado ao final do filme. Já em *O Mistério das Duas Irmãs*, a estratégia utilizada foi mostrar, no fim do filme, as cenas em que a irmã morta aparecia, sem ela, para representar que tudo não passava da imaginação da menina. Por fim, em *Cisne Negro* a distorção da realidade toma forma e perturba a personagem: reflexos que têm vontade própria, asas que surgem nas costas da colega e pessoas que se transformam em frente aos seus olhos. Esta lista serve apenas para dar alguns exemplos das estratégias utilizadas por filmes que abordam transtornos psicológicos. Apesar da questão não estar tão explícita em *Return to Oz*, apontarei as táticas do filme para criar a distorção da realidade.

Return to Oz foi um filme que me marcou desde a infância. Nunca havia assistido o musical de 1939 e esse foi meu primeiro contato com a história de Dorothy. Considerado um dos filmes mais assustadores da Disney, para mim ele era apenas divertido. Anos depois, já no ensino médio, relembrei o filme e decidi assisti-lo de novo, agora com uma perspectiva totalmente diferente, percebendo as nuances que indicavam a loucura de Dorothy e o quão macabra a história realmente era. Fiquei fascinada com a transformação de uma história clássica e colorida em uma realidade triste e decadente. Vale dizer que sou uma ávida fã de filmes de suspense e terror, assim como de histórias clássicas com uma virada macabra. Além de tudo isso, sempre tive interesse em psicologia, no funcionamento da mente humana e seus distúrbios, tendo até mesmo cogitado seguir essa carreira.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo expor e analisar as estratégias utilizadas em *Return to Oz* para construir o mundo mágico a partir dos transtornos psicológicos de Dorothy. Para isso, contextualizarei o filme, comparando-o com seu antecessor, *The Wizard of Oz* (1939, Victor Fleming), apontando e estudando os transtornos psicológicos retratados no filme, em destaque a psicose, além das estratégias utilizadas no cinema como um todo para representar a loucura. Por fim, analisarei o filme, com foco nos elementos que indicam a distorção da realidade a partir da mente de Dorothy.

Como construção teórica, buscarei relacionar conceitos do cinema e da psiquiatria. É importante, de início, entender o funcionamento das patologias, com destaque para a psicose, que acredito ser o principal transtorno representado no filme. O conceito mais recente de doença mental, ou “loucura”, é definido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), da Associação Americana de Psiquiatria (2014). No manual, estão listadas diferentes patologias e suas principais características. Com base no livro *Medicina Ambulatorial: de Atenção Primária Baseadas em Evidências* (2013) e em pesquisas e depoimentos de diferentes profissionais da área, apresentarei as principais características relacionadas a psicose, tentando relacioná-la com o enredo do filme.

Para compreender as origens, prática e representação da terapia de eletrochoque no cinema, utilizarei depoimentos de profissionais da área psiquiátrica, como o psiquiatra José Alexandre Crippa, a pesquisa *O retrato da psiquiatria pelos cinemas norte-americano e brasileiro* (OLIVA, 2009) e o Artigo de Paulo Guedes e Enio Arnt no curso de Medicina da UFRGS sobre o tema (GUEDES; ARNT, 1958).

Apresentarei a questão histórica com os momentos que levaram à criação da prática, guiada por cientistas como Von Meduna, Lucio Bini e Ugo Cerletti, esse último responsável por testar pela primeira vez a terapia de eletrochoque em um paciente esquizofrênico (GUEDES; ARNT, 1958). O que pode vir como uma surpresa para muitos é que a terapia de choque ainda é utilizada atualmente e se mostra eficaz em muitos casos. A representação distorcida e o olhar julgador ajudaram a tecer um imaginário coletivo onde esse tratamento é condenável e visto como tortura. A ambientação em que a terapia é representada é, via de regra, sombria, relacionada à clausura e ao sadismo dos envolvidos. Geralmente há uma enfermeira ou médico mau, responsável pelo tratamento, que, em muitos casos, termina em morte ou danos irreversíveis, características essas muito mais relacionadas à lobotomia do que à ECT.

Aprofundarei a pesquisa de teorias referentes aos mecanismos cinematográficos, estéticos e narratológicos utilizados para representar doenças mentais no cinema tendo como base o livro *Delírio, um novo conceito projetado em cinemas* (2002) de José Paulo Fiks e as teorias de Irving Shneider sob o olhar de Steven Hyler (1998).

A parte metodológica da pesquisa investigará a fundo os mecanismos utilizados em *Return to Oz* para criar o mundo mágico a partir do transtorno psicológico de Dorothy. O principal método utilizado será o da análise fílmica, com base nos conceitos de Francis Vanoye e Anne Goliot-Leté apresentados no livro *Ensaio sobre a análise fílmica* (2008) e no livro *A análise do filme* (2009), de Jacques Aumont e Michel Marie. Segundo Francis Vanoye e Anne Goliot-Leté (2008), analisar um filme é, antes de tudo, decompô-lo em seus elementos, desconstruí-lo e analisar isoladamente cada um dos seus aspectos que, em um todo, criam o sentido do filme. Dessa forma, quem analisa se afasta do filme, para depois reconstruí-lo. Os autores ainda apontam que há uma diferenciação entre o espectador normal e o analista: enquanto o espectador comum assiste o filme por prazer, o analista assiste por trabalho, prestando atenção nas nuances, distanciando-se do filme e analisando-o narratológica e tecnicamente. O objetivo principal de analisar é apreciar e entender melhor cada obra de acordo com suas particularidades, utilizando os diferentes tipos de análises

A análise narratológica de uma obra audiovisual é responsável principalmente por apontar de que maneira a história é contada, levando em conta os pontos de vista, como e por quem o enredo nos é apresentado (AUMONT, 2009). No caso de *Return*

to Oz, o filme todo é visto a partir da perspectiva de Dorothy, tanto a realidade quanto Oz. A imagem parece ser o ponto central de muitas análises, mas deve-se prestar atenção à parte sonora do filme, também importantíssima para a criação da atmosfera e de significados dentro do audiovisual. Esse aspecto será importante para análise de *Return to Oz*, pelo fato de elementos do mundo real se transferirem para Oz, incluindo sons que marcaram Dorothy em uma situação traumática.

No capítulo “Psicanálise e a análise do filme”, Jacques Aumont e Michel Marie (2009) abordam a análise subjetiva da obra audiovisual. Em sua resenha sobre o livro para a Revista Temática, Agamenon Porfírio aponta que “Este tipo de instrumento, recorre sempre a patologização - seja de autores ou personagens -, com intuito de explicar dada produção artística através de determinada configuração psicológica (neurótica)” (PORFÍRIO, 2018). É esse o recurso principal que utilizarei na minha análise de *Return to Oz*, visto que Dorothy apresenta diversos sintomas de doenças relacionados à psicose, e o mundo mágico parece ser criado a partir de distorções do mundo real. É principalmente a partir de uma análise dos pontos mais subjetivos do filme que se criam teorias e novos significados a partir da obra audiovisual, mas mesmo as melhores análises podem ser incompletas, pois sempre há algo a mais para analisar e novos detalhes para destrinchar.

Este trabalho se trata de procurar nas entrelinhas e prestar atenção aos detalhes que nos levam a novos significados. Ao longo dos capítulos desta pesquisa, esmiuçarei aspectos históricos, técnicos, imagéticos e narratológicos que ajudem a entender a construção do Mundo Mágico de Oz a partir da mente de Dorothy Gale em *Return to Oz*.

2 OZ 46 ANOS DEPOIS

No dia 16 de junho de 1985, o jornal *The New York Times* estampou a manchete: “Após 46 anos, Hollywood revisita Oz” (HARMETZ, 1985), referindo-se ao novo filme *Return to Oz*, continuação não oficial do clássico musical de 1939 *The Wizard of Oz*, ou, em português, *O Mágico de Oz*. O filme original, dirigido por Victor Fleming, logo ganhou visibilidade por sua estética e trama fantásticas, tornando-se um dos maiores clássicos musicais da história do cinema. Em 1985, Walter Murch trouxe o universo fantástico de Oz de volta às telas, mas a partir de um viés mais sombrio, causando controvérsias, e sem se tornar tão consagrado pelo filme. Murch, junto de Gill Dennis, baseou-se em dois livros de L. Frank Baum para escrever o roteiro de *Return to Oz: The Marvelous Land of Oz (A maravilhosa terra de Oz)* e *Ozma of Oz (Ozma de Oz)*, respectivamente, o segundo e terceiro volumes da coleção sobre o mundo mágico de Oz, que conta com 14 livros no total. Mas, além da adaptação, os roteiristas decidiram incluir elementos que fugiam da realidade da obra literária, como, por exemplo, o hospital psiquiátrico especializado em terapia de choque. A história do filme se passa em 1899, mas, como explicarei no capítulo sobre representação, esse tipo de tratamento surgiu apenas em 1938. Dessa forma, boa parte dos indícios do transtorno de Dorothy partiram do roteiro e do diretor, não dos livros originais, que foram escritos entre 1900 e 1920.

The Wizard of Oz, de 1939, baseado no livro *The Wonderful Wizard of Oz (O Maravilhoso Mágico de Oz)*, escrito por L. Frank Baum em 1900, narra a história de Dorothy: menina que mora com os tios em uma fazenda no Kansas. Após ter a casa levada por um tornado, ela chega ao mundo mágico de Oz, onde enfrenta obstáculos com seus aliados: o Leão Covarde, o Homem de Lata e o Espantalho. Cada um deles tem algo que precisa conquistar: coragem, coração e sabedoria. Para isso, vão em busca do Mágico de Oz, que vive na Cidade das Esmeraldas. O filme inicia em sépia e tem uma drástica mudança estética quando chegamos a Oz. Repleto de canto e dança, Dorothy percorre o caminho com o apoio de seus amigos, apesar das ameaças, em um universo colorido e brilhante. Já *Return to Oz* tem uma visão de mundo mais pessimista. Com a casa destruída pelo tornado, Dorothy e os tios lidam com as dívidas e a pobreza enquanto a menina tem dificuldade para dormir e se alegrar, interpretando situações comuns como sinais de seus amigos em Oz: uma estrela cadente significa que seus amigos a chamam; quando encontra uma chave

redonda, se convence de que ela a levará para Oz. Sua tia, preocupada, decide levá-la ao novo médico da cidade, especialista em terapia de choque. Após uma tentativa falha de eletrochoque, Dorothy é salva por uma menina misteriosa e foge do hospital pulando em um rio. Ela adormece e quando acorda aparece magicamente em Oz. Dessa vez, não há canto e dança recebendo-a, nem bruxas do bem ou moradores acolhedores. Na Oz que Dorothy encontra, a estrada de tijolos amarelos está destruída, assim como a Cidade das Esmeraldas, onde todos os moradores foram transformados em pedra, incluindo o Homem de Lata e o Leão Covarde. Olhos escondidos a observam, seus novos inimigos são muito mais assustadores. Inclusive, o animal levado ao mundo mágico também muda. Se em *The Wizard of Oz*, Dorothy leva seu cachorro Totó, no filme de 1985 ela leva sua galinha falante Belina, outra personagem dos livros de L. Frank Baum. Por questões como essas, o filme não foi bem recebido pelo público. Segundo Walter Murch, em entrevista para o canal Web of Stories (2017)², o filme foi classificado como infantil, mas as crianças, assustadas, saíam do cinema chorando. As críticas negativas superavam de forma expressiva as positivas, algo muito difícil para Murch, visto que esse era seu primeiro trabalho como diretor e que, posteriormente, teria projetos rejeitados devido ao seu histórico com o filme.

Para Walter Murch (2017), o que ajudou a tornar o filme mais assustador foi sua estética mais realista, se comparada com *The Wizard of Oz*. Ele também cita o fato de tia Em deixar Dorothy sozinha no hospital de eletrochoque como elemento capaz de assustar as crianças de forma mais profunda, ao ver a responsável pela menina deixando-a sozinha em um local hostil. Segundo ele, o filme original tem cenários que lembram o teatro, e a presença do canto da dança, mesmo que haja

² WALTER Murch- Difficult time post 'Return to Oz'. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wfiF19bsDPo&ab_channel=WebofStories-LifeStoriesofRemarkablePeople. Acesso em: 23 set. 2020.

WALTER Murch- The Underlying Message in 'Return to Oz'. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xQ-W2yw7lvU&ab_channel=WebofStories-LifeStoriesofRemarkablePeople. Acesso em: 22 set. 2020.

WALTER Murch- Why 'Return to Oz' seems scary. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SpaV2_vT4Ps&ab_channel=WebofStories-LifeStoriesofRemarkablePeople. Acesso em: 23 set. 2020.

WALTER Murch- Writing the Screenplay for 'Return to Oz'. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IKTGmHA27yc&ab_channel=WebofStories-LifeStoriesofRemarkablePeople. Acesso em: 22 set. 2020

problemas, leva o público a pensar “isso não é tão ruim assim”. É importante lembrar que essa estética teatral era característica da época de 1930 e deslumbrou muito os espectadores.

Na década de 1930, grande parte dos longas-metragens eram filmados em estúdios fechados, com os cenários construídos exclusivamente para sua produção. *The Wizard of Oz* causou grande admiração pela grandiosidade de seus cenários, além das cores vibrantes, da atenção aos detalhes e do trabalho meticuloso nos figurinos e decorações. Tecnicamente, para a época, *The Wizard of Oz* foi inovador, mas ainda muito primitivo, o que também causou complicações durante as gravações. A roupa do Leão Covarde tinha pelos reais de leão e pesava mais de 40 quilos. Segundo a revista eletrônica *Film Quarterly* (1980), Buddy Epsen, o ator contratado para interpretar o Homem de Lata, teve uma reação alérgica à tinta à base de alumínio e foi substituído por Jack Haley. Já a Bruxa Má do Oeste, interpretada por Margaret Hamilton, ficou afastada do set pois a tinta verde à base de cobre lhe trouxe complicações e queimaduras em um acidente (LEOPOLD, 2014). Jack Dawn foi o maquiador responsável pelas máscaras do Leão Covarde e do Espantalho, feitas de espuma de látex, sendo um dos primeiros a usar a técnica no cinema. Infelizmente, a máscara do Espantalho deixou marcas profundas no rosto de Ray Bolger, que demoraram meses para se amenizarem (HARMETZ, 2013). Os efeitos especiais foram coordenados por Arnold Gillespie. No livro “*The Making of The Wizard of Oz*” Harmetz, citando Zdenek Hejzlar e John Worlund, aponta que, para o tornado no Kansas, Gillespie utilizou 10,5 metros de tecido musseline e com uma haste de metal fez com que ele se movimentasse (Figura 1). Utilizou-se amianto, elemento extremamente tóxico, para criar a neve nos campos de papoula, e os cavalos coloridos de Oz foram pintados com pó de gelatina. (Figura 2).



Figura 1. Tornado de musseline
Fonte: The Wizard of Oz (1939)



Figura 2. Cavalo com pó de gelatina
Fonte: The Wizard of Oz (1939)

Mas além de complicações técnicas, *The Wizard of Oz* teve um clima pesado durante as gravações. Victor Fleming, o diretor, chegou ao ponto de dar um tapa em Judy Garland, e a atriz reportou anos depois os assédios cometidos pelos anões que interpretavam os Munchkins (O GLOBO, 2017). As trocas de produtores e diretores foram constantes durante a produção complicada do longa-metragem, mas muitos não foram creditados. O clima em *Return to Oz* foi muito mais leve. Fairuza Balk, que interpretou Dorothy, em entrevista para o site *DreadCentral*, (MULLINS, 2017), relembrou momentos de descontração entre a equipe, como a comemoração de seu aniversário, além de revelar grande admiração por Walter Murch, chamando-o de gênio.

Outro fator apontado por Murch (2017) é a diferença de idade entre as atrizes que interpretam Dorothy. Em *The Wizard of Oz*, Judy Garland tinha 15 anos e atuava como uma menina de 10. Em *Return to Oz*, Fairuza Balk tinha apenas 9 anos (Figura 3). O diretor afirma que esse fato tem papel importante em criar veracidade. A dança, o canto e a idade da atriz são escapes que tiram a mente do espectador das dificuldades do filme original. Em *Return to Oz* tudo parece muito mais real e impactante pelo fato de uma menina de 9 anos interpretar uma personagem de mesma idade em situações de risco (Web of Stories, 2017). Além disso, a diferença entre os trajes das protagonistas no filme de 1939 e 1985 é expressiva. Judy Garland usava um belo vestido branco e azul, combinado com seus sapatinhos de rubi e uma maquiagem simples, mas evidente. Fairuza Balk, em *Return to Oz*, veste, na maior parte do filme, um vestido apagado de cores claras, sapatos pretos e o rosto limpo. Inclusive, em *The Wizard of Oz*, Judy Garland usava um corpete apertado para disfarçar suas curvas durante as gravações e foi induzida a tomar pílulas para emagrecimento.



Figura 3. Judy Garland e Fairuza Balk
Fonte: *The Wizard of Oz* (1939) e *Return to Oz* (1985)

Comparado com *The Wizard of Oz*, *Return to Oz* é composto por cores muito mais sóbrias e apagadas. Apesar de também contar com cenários grandiosos, em sua maioria, retrata um mundo real pobre e uma Oz destruída. Os cenários mais deslumbrantes pertencem aos vilões do filme: A Bruxa Mombi tem seu palácio ornamentado por espelhos e objetos de ouro, e o Rei Nome tem uma sala repleta de ornamentos coloridos e valiosos. Em *Return to Oz* tudo é mais granuloso e Dorothy não está imune ao que a cerca. Se no filme de 1939 Dorothy permanece com o visual imaculado e limpo durante a trama toda, em *Return to Oz* a personagem passa por

maus bocados e suas roupas ficam encharcadas e sujas, aumentando a sensação de realismo.

Vale lembrar que em ambos os filmes Dorothy perdeu os pais e tem seu dia a dia voltado para a fazenda dos tios, o que torna o mundo mágico um escape sedutor, apesar de a representação nas duas obras ser extremamente diferente. A passagem pelo hospital psiquiátrico já deixa a realidade do filme de 1985 muito mais sombria, e isso escala quando quem inferiu medo em Dorothy no mundo real reaparece de forma distorcida no mundo de Oz, fazendo o papel dos vilões. Alguns personagens da realidade também aparecem na Oz do filme de 1939, mas representam os aliados de Dorothy e o próprio Mágico de Oz. Já os aliados no filme de 1985 são apenas personificações de objetos vistos no hospital psiquiátrico. Além disso, pelo fato de *The Wizard of Oz* nos mostrar Dorothy em meio ao tornado e chegando no mundo mágico, a situação se torna mais palpável e crível. Em *Return to Oz*, após cair em um rio tempestuoso, Dorothy cai inconsciente e reaparece magicamente em uma poça de água em Oz, situação menos provável e verídica, ajudando a corroborar a hipótese da loucura de Dorothy.

Foi o uso do technicolor que trouxe a *The Wizard of Oz* as cores extremamente vibrantes do mundo fantástico. O custo era extremamente alto e os equipamentos, precisavam ser alugados pela *Technicolor Corporation*, empresa especializada em filmes coloridos desde 1917 (LINTELMAN, 2010). Segundo Ricardo Hage (2018),

Essa tecnologia usava uma câmera na qual a luz era dividida por lentes em três cores complementares. O detalhe é que essas três cores diferentes sensibilizavam três filmes em Preto e Branco diferentes ao mesmo tempo e sincronizados. Depois de revelados, os negativos eram tingidos na cor primária em que foram sensibilizados para depois terem essa camada de tinta transferida para um único filme, onde seriam sobrepostas as outras cores.

Para captar as imagens, a forte iluminação era fundamental, e os diretores de arte foram incentivados a usar o máximo de cores possíveis para aproveitar o recurso. É por isso que os sapatos de Dorothy são vermelhos, no filme, e não prateados, como no livro de L. Frank Baum.

Apesar de ter uma história mais sombria, *Return to Oz* não passou por tantas complicações durante sua produção e gravações. É evidente que isso se dá, expressivamente, pela evolução do cinema e das técnicas aplicadas, afinal, os dois filmes tem 46 anos de diferença entre si. De acordo com o documentário *The Making of Return to Oz* (1986), o longa metragem foi filmado em locações e em sets construídos nos estúdios Disney. As cenas da fazenda do Kansas foram feitas no

interior da Inglaterra. O mundo mágico foi completamente construído com gigantescas estruturas em um estúdio de Londres. O filme utiliza diferentes técnicas em seu decorrer, incluindo o uso de *animatronics* e *stop motion em clay*. Diferente de *The Wizard of Oz*, é inteiramente colorido, mas não chega nem perto da vibração do tecnicolor. Ainda, segundo o documentário, Walter Murch foi extremamente fiel aos segundo e terceiro livros da saga de Oz escritos por L. Frank Baum: *The Marvelous Land of Oz* (A Maravilhosa Terra de Oz) e *Ozma of Oz* (Ozma de Oz), se aproximando da visualidade dos livros muito mais do que o original *The Wizard of Oz* (Figuras 4, 5 e 6). O diretor se envolveu na construção dos personagens, assegurando que seus designs fossem os mais parecidos possíveis com as ilustrações dos livros. *Return to Oz* introduz nas telas vários personagens antes não vistos no cinema, como, por exemplo, TikTok, a galinha Belina, Jack cabeça de abóbora e o Gump. Mas é claro que, ao final do filme, os antigos companheiros de Dorothy também aparecem.



Figura 4. Espantalho: Livro x *The Wizard of Oz* x *Return to Oz*

Fonte: *The Scarecrow of Oz* (1915); *The Wizard of Oz* (1939); *Return to Oz* (1985)



Figura 5. Homem de Lata: Livro x *The Wizard of Oz* x *Return to Oz*

Fonte: *The Tin Woodman of Oz* (1918); *The Wizard of Oz* (1939); *Return to Oz* (1985)

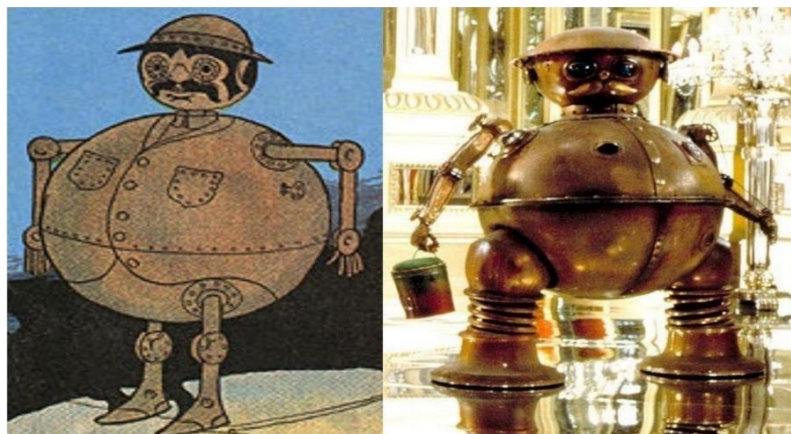


Figura 6. Tik-Tok: Livro x Return to Oz
 Fonte: Tik-Tok of Oz (1914); Return to Oz (1985)

Para a maioria desses personagens, foram utilizados *animatronics*, robôs construídos para simular um ser vivo, controlados por controle remoto. TikTok, por exemplo, tinha os braços e o rosto movidos com um controle, mas suas pernas dependiam de um ator que ficava dentro do robô e caminhava. A mesma técnica foi utilizada para o Leão Covarde. Os demais amigos de Dorothy são robóticos e controlados por dispositivos mecânicos, manuseados por especialistas em planos médios e fechados, e com um *stand in* humano, ou animal, no caso de Bellina, em planos abertos.

As animações *stop motion em clay* foram feitas na pós-produção representando o Rei Nome e seus seguidores. O *stop motion* consiste em animações feitas a partir de fotos, onde o animador move os objetos frame por frame. O nome *clay* se refere ao material utilizado para criar os personagens, sendo a plasticina e a argila os mais utilizados. Em *Return to Oz*, os seguidores de Nome se mesclam com as paredes do reino e vão mudando de forma enquanto se movimentam, com formatos heterogêneos (Figura 7).



Figura 7. Seguidores de Rei Nome
 Fonte: Return to Oz (1985)

O Rei Nome é de início representado por *stop motion*, mas, no decorrer do filme, à medida que adquire mais poder, ele se torna cada vez mais humano (Figura 8). De acordo com Nicol Williamson, ator que interpreta o vilão, usou-se uma estrutura de argila para imitar rochas em sua maquiagem, sendo apenas seus olhos deixados para fora. Para Thomas Fyfe (2016), animador desenvolvedor de jogos, o uso do *stop motion* aumenta a longevidade do filme, evitando o uso CGI (efeitos especiais computadorizados), que se tornaram datados em diversos filmes. Ele ainda acrescenta que a animação adiciona muito ao aspecto fantástico e mágico do filme, além de se tornar assustadora em diversos momentos.



Figura 8. Mudança de Rei Nome
Fonte: Return to Oz (1985)

As trilhas musicais de *The Wizard of Oz* e de *Return to Oz* são extremamente distintas. Enquanto no clássico de 1939 os personagens andam cantando e dançando músicas de ritmo alegre e letras didáticas, no filme de 1985 a trilha se resume a instrumentais orquestrais melancólicos e tensos, com algumas músicas alegres ao final. As músicas de *The Wizard of Oz* incluem títulos como *Optimistic Voices* (Vozes otimistas), *The Merry Old Land of Oz* (A alegre terra de Oz) e a famosa *Somewhere Over the Rainbow* (Além do Arco-Íris). As duas primeiras foram compostas por E.Y. Harburg e Harold Arlen³, e seus instrumentais são compostos por tons mais agudos e agitados, incluindo instrumentos de corda, piano e trompete, que trazem um ar mais alegre para as composições, além das vozes em uníssono, transmitindo a ideia de conjunto e um certo companheirismo. *Somewhere over the Rainbow* foi composta por E.Y. Harburg, Harold Arlen e o maestro Herbert Stothart, e ficou consagrada na voz de Judy Garland. Com o instrumental mais suave, a letra da música passa uma

³ IMDB. The Wizard of Oz. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0032138/>. Acesso em 23 set. 2020.

mensagem de esperança, sobre aquilo que Dorothy sonha em um dia encontrar, sobre como além do arco-íris seria possível tornar seus sonhos realidade e os problemas se desmanchariam em uma terra bela e mágica. Muitas das outras músicas do filme já existiam e foram adaptadas para o longa-metragem, a maioria escrita no final dos anos 1800 e início de 1900, como é o caso de *In The Shade of the Old Apple* (Na sombra da velha macieira), de 1905, escrita por Egbert Van Alstyne, e *Home Sweet Home* (Lar doce Lar), de 1823, com autoria de H. R Bishop⁴. Já em *Return to Oz*, nenhum dos personagens canta. O enredo é acompanhado por músicas orquestrais, todas compostas exclusivamente para o filme por David Shire⁵, com títulos e ritmos não tão alegres assim: *Flight in the Storm* (Fuga na tempestade), *The Ruined House* (A casa arruinada), *The Deserted City* (A cidade deserta), *The Hall of Heads* (O corredor de cabeças). Cada música acompanha um momento chave da trama. As músicas citadas tocam, respectivamente, quando Dorothy foge do hospital de eletrochoque durante a chuva, quando encontra sua casa que foi levada pelo tornado em Oz, quando vê a cidade das Esmeraldas destruída e quando descobre a coleção de cabeças da Rainha Mombi. A maior parte do filme tem o clima de apreensão e ruína enfatizado pelos instrumentais mais graves, lentos e melancólicos. É apenas ao final do filme, quando tudo parece resolvido, que a trilha se torna mais alegre, incluindo títulos como *Cheering Bridge/Goodbye* (Ponte de Comemoração/Adeus), em um momento agridoce, quando Dorothy salva Oz, mas precisa se despedir de seus amigos.

Todas as diferenças entre os dois filmes servem para mostrar como 46 anos de experiência no cinema foram capazes de criar e aprimorar os mecanismos possíveis para a criação de um universo fantástico. *The Wizard of Oz* sempre será um clássico do cinema, pelas inovações que trouxe, pela grandiosidade de sua produção, com cenas e músicas que ficaram e ainda ficarão gravadas no imaginário coletivo do cinema mundial. *Return to Oz* trouxe consigo várias inovações, mas como citado anteriormente, não foi bem recebido pelo público e críticos de cinema, principalmente por quebrar suas expectativas, sendo drasticamente diferente do clássico de 1939. Mesmo com as controvérsias, o filme foi indicado ao Oscar de Melhores Efeitos

⁴ OS MUSICAIS. 1939 - The Wizard of Oz (O Mágico de Oz). Postado em: 20 jul. 2010. Disponível em: http://osmusicaisdomundo.blogspot.com/2010/02/os-notaveis-musicais-da-decada-de-30_175.html. Acesso em: 10 dez. 2020

⁵ IMBD. Return to Oz. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0089908/>. Acesso em: 23 set. 2020

Visuais e ao Prêmio Saturno de Melhor Filme de Fantasia, e as atrizes mirins concorreram ao prêmio *Young Artist Awards*. Com o passar dos anos, *Return to Oz* despertou o interesse de novos públicos, que, com uma visão diferente, apreciaram o filme e acabaram criando um nicho e uma legião de fãs que permanece até hoje. No decorrer deste trabalho, dissecarei os aspectos que tornam *Return to Oz* tão singular e os motivos pelos quais despertou o interesse do público anos depois de seu lançamento.

3 CINEMA, LOUCURA E REPRESENTAÇÃO

A psicologia e os transtornos psicológicos já foram retratados inúmeras vezes no cinema. Muitas vezes partindo para estereótipos e exageros, a representação nas telas pode afetar a visão coletiva do público sobre doenças mentais e tratamentos psiquiátricos. O historiador Neal Gabler (1999) aponta o cinema como um substituto da linguagem impressa e afirma que o mesmo “contribuiu para moldar a vida dos cidadãos no século XX, especialmente na sociedade ocidental e norte-americana”. Segundo Zacarias Ramadam, em sua resenha sobre o livro *Delírio, um novo conceito projetado em cinemas*, de José Paulo Ficks,

O cinema influencia a visão do mundo, tanto dos psiquiatras quanto de seus pacientes. As condutas atribuídas aos "loucos" de filme podem influenciar a sintomatologia. Sabemos que os doentes interpretam suas vivências, suas percepções conforme padrões, lugares comuns, com os quais as "mídias" e a cultura nos familiarizam. A expressão da doença pode ser moldada pelos filmes vistos, assim como é pelas experiências de vida, pelos valores que adotamos. (RAMADAM, 2002)

Dito isso, acredito ser importante apontar os métodos mais comumente utilizados por cineastas para representar a loucura em filmes, imagética e narrativamente. Apesar de *Return to Oz* não ser reconhecido como um filme sobre transtornos psicológicos, com uma análise mais profunda, prestando atenção aos indícios e entrelinhas, várias táticas empregadas em filmes que de fato têm essa temática explícita se aplicam aqui. Buscando filmes com temas similares a *Return to Oz*, principalmente aqueles lançados na mesma época, pretendo apontar as tendências presentes e como a visão de uma geração influenciou essas produções.

3.1 Representatividade

O termo informal “loucura” é abordado pela medicina com termos técnicos, incluindo: transtorno mental, psicótico, esquizofrênico, distúrbios de personalidade, doença mental, entre outros. Segundo Diogo Benoski (2004),

Em certa medida, todas estas expressões possuem um significado em comum. Elas se aplicam ao indivíduo que se encontra em desajuste com as normas sociais vigentes, que se desvia da cultura em que está inserido, o que, no senso comum, equivale à loucura (p.30)

De acordo com a pesquisa *O retrato da psiquiatria nos cinemas norte-americano e brasileiro* (OLIVA, 2009), 60% dos filmes estadunidenses analisados têm uma visão positiva da psiquiatria, mas os outros 40% apresentaram alguma “violação

de limites éticos” pelos profissionais retratados. Em *Return to Oz*, esse é o caso de Doutor Worley, especialista em eletroconvulsoterapia, que tenta submeter Dorothy ao tratamento, também visto como maligno, e que depois ressurge em Oz como um dos maiores vilões do filme. Toda a ambientação com cores apagadas, gritos distantes, enfermeiros pálidos e amarras na cama nos parecem dizer que aquele local não é seguro e que o médico talvez tenha intenções perversas.

Na sociedade em que vivemos, a palavra loucura foi extremamente banalizada, usada comumente para se referir a pessoas que quebram paradigmas, agem de maneira controversa ou desafiam os padrões impostos. Até mesmo a maldade, negligência e perversidade de alguns é tachada como “loucura” por muitos. Surge então a necessidade de definir qual tipo de loucura se apresenta em *Return to Oz*. Se Dorothy é apenas levada à terapia de eletrochoque por propor ideias vistas como absurdas para seus tios, ou se ela realmente apresenta um distúrbio clínico. Seria o mundo de Oz realmente uma alucinação como forma de fuga da realidade ou apenas uma projeção da imaginação infantil? No ano em que o filme se passa, 1899, a visão sobre diferentes transtornos vinha se desenvolvendo, mas ainda era muito primitiva. A terapia de eletrochoque ainda não havia sido inventada, mas Walter Murch inclui esse elemento no filme como liberdade poética, para aumentar os riscos corridos por Dorothy.

Steven E. Hyler (1998) destaca um costume dos filmes Hollywoodianos, que é tratar os transtornos psiquiátricos como uma característica que torna os personagens únicos, e a terapia e o tratamento como tentativas de torná-los “normais”, assim removendo sua individualidade e criatividade. É assim que o hospital de eletrochoque é visto em *Return to Oz*, como uma forma de tentar distanciar Dorothy de Oz, daquilo que a faz feliz. Entretanto, no mundo real, sabemos que o tratamento de transtornos psicológicos é fundamental para o bem-estar do paciente e busca diminuir o sofrimento causado por tais transtornos.

José Paulo Fiks, em seu livro *Delírio, um novo conceito projetado em cinemas* (2002), aponta alguns elementos importantes na representação de distúrbios mentais no cinema. Entre eles estão a narrativa, a montagem e o pacto do espectador com o filme. A narrativa é o que move o filme, e mesmo que seja feita a partir de imagens, se assemelha muito à narrativa verbal. Entretanto, o uso da imagem torna alguns elementos mais fáceis de serem explorados. O fato de Dr. Worley, a enfermeira chefe e os enfermeiros reaparecem como vilões no mundo de Oz, não é didático ou

expositivo no filme, pois não é preciso explicação, as imagens falam por si mesmas. Doutor Worley, responsável pelo tratamento de choque, apresenta Dorothy aos aparelhos que serão utilizados em seu tratamento e tem uma posição de poder sobre ela. Mais tarde no filme, ele retorna como o Rei Nome, vilão ganancioso que petrifica a Cidade das Esmeraldas e submete Dorothy a testes e desafios, colocando nas mãos dela a vida de seus aliados. A enfermeira chefe recebe Dorothy no hospital com a expressão fechada, usando um vestido preto volumoso, quase como um agouro, e dá ordens aos enfermeiros. Em Oz ela reaparece como a Bruxa Mombi, uma mulher perversa e vaidosa, responsável por roubar as cabeças das moças mais belas para usar como sua. Os enfermeiros, quase sempre acompanhados de uma maca com barulho de rodas estridentes, tem a aparência pálida e adoecida. Eles reaparecem como Wheelers no mundo mágico, criaturas com rodas igualmente estridentes no lugar das mãos e pernas cujo objetivo é caçar qualquer um que contrarie os planos de Mombi.

O autor cita Yuri Lotman, que relaciona a montagem com o trabalho mental. A sucessão de planos é como uma sucessão de pensamentos, e a ordem em que os planos são apresentados é capaz de criar e alterar sentidos. Lotman debruça-se sobre as diferentes captações de sentido por parte do público. Para ele, "Um filme é uma estrutura com vários níveis, onde cada um deles se organiza com diferente grau de complexidade. Os espectadores, diversamente preparados, 'captam' níveis semânticos diferentes." (LOTMAN, apud FIKS, 2002, p.124) Esse fenômeno mostrou-se presente entre os telespectadores de *Return to Oz*. Para alguns, o filme era apenas uma obra infantil de aventura um pouco sombria; para outros, com uma análise do enredo e olhar mais a fundo, o longa-metragem representava a loucura de uma criança. Basta procurar por *Return to Oz* na internet para encontrar matérias e diferentes teorias criadas por fãs sobre os significados do filme. Desde seu lançamento em 1985 até hoje, *Return to Oz* impulsionou muitas discussões, tanto entre aqueles que o adoraram quanto entre os que o detestaram.

3.2 Eletroconvulsoterapia

Representada em centenas de filmes, incluindo *Return to Oz*, como um tratamento cruel, relacionado à tortura e ao controle mental, a eletroconvulsoterapia, ou ECT, se feita da forma correta, pode ajudar em alguns transtornos psicológicos

(CRIPPA, 2017). De acordo com Paloma Oliveto (2016) em matéria sobre o tratamento no site Correio Braziliense,

O antigo choque elétrico não foi desabilitado. Contudo, não se assemelha àquela prática desumana, que chegou a ser usada como instrumento de tortura. O nome, aliás, é outro. Hoje, os médicos preferem falar em eletroconvulsoterapia (ECT), tanto para dissociá-la de um passado nada glorioso quanto porque não é a eletricidade que produz os efeitos esperados, mas a convulsão que ela desencadeia. Feito com o paciente anestesiado e sedado, o tratamento também utiliza voltagens mais baixas e controladas. (OLIVETO, 2016)

A ideia da ECT surgiu baseada em um tipo de prática anterior, o tratamento convulsivo⁶. O psiquiatra húngaro Von Meduna, ao observar o comportamento de diferentes pacientes, descobriu uma relação entre ataques epiléticos e o alívio dos sintomas de esquizofrenia. Ele então propôs o uso de substâncias convulsionantes, como a droga Metrazol ou Cardiazol, para induzir ataques epiléticos nos pacientes, a fim de amenizar os problemas causados pela esquizofrenia. Os neurologistas Ugo Cerletti e psiquiatra Lucio Bini foram além e começaram a testar convulsões induzidas por choque em animais. Apesar do receio em relação ao terror causado no paciente e ao medo de ocasionar alguma morte, em 1938 Ugo Cerletti testou o método em um paciente com esquizofrenia paranoide, demonstrando sua eficácia (GUEDES, ARNT, 1958)

Segundo José Alexandre Crippa (2017), professor de psiquiatria e chefe do Departamento de Neurociência da Universidade de São Paulo (USP), a ideia de inferir choques em pacientes esperando resultados positivos pode parecer absurda em um primeiro momento, mas, com o avanço da medicina, tornou-se possível o uso de anestésicos para que não haja dor durante o tratamento. Utilizada inicialmente como tratamento para a esquizofrenia, a prática mostrou-se, na verdade, uma boa opção para o tratamento da depressão. Entretanto, um dos efeitos colaterais são problemas de memória, mas sem danos irreversíveis para o cérebro. Por isso, a prática ainda é considerada uma opção de último caso. Ainda de acordo com Oliveto (2016),

Também não há garantia de efeitos duradouros, como constatou um estudo do Departamento de Psiquiatria do Hospital Universitário St. Patrick, em Dublin, publicado na revista Neuropsychopharmacology. Ao fazer a revisão da literatura sobre a técnica, os autores observaram que quase 40% dos pacientes de depressão aguda, sofrem relapso nos seis primeiros meses, e cerca 50% ao fim do primeiro ano, quando não há prescrição de

⁶ MANDAL, Ananya. História da terapia de eletrochoque. Postado em: Fev. 2019. Disponível em: [https://www.news-medical.net/health/Electroconvulsive-Therapy-History-\(Portuguese\).aspx#:~:text=A%20terapia%20convulsiva%20do%20uso,do%20Muller%20su%C3%AD%20do%20psiquiatra](https://www.news-medical.net/health/Electroconvulsive-Therapy-History-(Portuguese).aspx#:~:text=A%20terapia%20convulsiva%20do%20uso,do%20Muller%20su%C3%AD%20do%20psiquiatra). Acesso em: 21 set. 2020.

medicamentos ao término do tratamento. O uso de antidepressivos e antipsicóticos reduz esse risco, observaram (OLIVETO, 2016)

O artigo *O retrato da psiquiatria pelos cinemas norte-americano e brasileiro* (OLIVA, 2009) analisa filmes de 1948 até 2000, afirmando que, nos primeiros anos, a ECT era representada como um procedimento delicado, porém útil como tratamento. Com o passar dos anos, a visão negativa foi aumentando, tornando-se cada vez mais macabra e negando qualquer efeito benéfico para a saúde. O que se espera de uma internação ou tratamento em hospital psiquiátrico, na realidade, é que o paciente seja examinado e atendido com atenção e, mesmo que seja necessário o uso de força, de forma cautelosa, buscando o mínimo de perturbação possível. Segundo José Alexandre Crippa (2017), a pesquisa concluiu que o procedimento é quase que unicamente retratado como uma metáfora para repressão, controle da mente e do comportamento e sem nenhum benefício terapêutico.

A lista de obras audiovisuais em que a ECT é vista como maléfica é gigantesca. Entre eles, destacam-se *Nise* (Roberto Berliner, 2015), *Um Estranho no Ninho* (Milos Forman, 1975), a série *American Horror Story: Asylum* (Ryan Murphy, 2012-2013), inclusive *Return to Oz*. A representação distorcida ajudou a tecer um imaginário coletivo no qual o tratamento é condenável e visto como tortura. As ambientações em que a terapia é representada são, em sua maioria, sombrias, relacionadas à clausura e ao sadismo dos envolvidos. Geralmente, há uma enfermeira ou médico mau responsável pelo tratamento, que, em muitos casos, termina em morte ou danos irreversíveis, características essas muito mais relacionadas a procedimentos como a lobotomia do que à ECT.

3.3 Os hospitais e a psicologia no século XIX

Return to Oz se passa no ano de 1899, 148 anos após a instauração do primeiro hospital nos Estados Unidos (MICHAELS, 2019). Durante o século XIX, inovações chegavam ao campo da medicina e a qualidade de vida aumentava nas cidades, com a quantidade de mortes, conseqüentemente, diminuindo (CLARK, 2016). Entre 1870 e 1899 o número de escolas especializadas em treinar enfermeiros e médicos aumentou exponencialmente, assim como a disseminação de informações sobre a medicina (HALL, 2020). Segundo Davida Michaels (2019), a partir de 1890 surgiram hospitais privados com fins lucrativos, contando com um clínico geral ou em parceria

com centros cirúrgicos. A descoberta do éter como substância anestésica facilitou diversos procedimentos cirúrgicos e foi se aprimorando ao longo das décadas. Houve também o aumento da aplicação de práticas antissépticas, incluindo o uso de luvas e máscaras durante cirurgias, fato que revolucionou o mundo da medicina e contribuiu para a diminuição de mortes a partir de 1880. Ou seja, métodos hoje em dia vistos como imprescindíveis e fundamentais estavam apenas começando a ser aplicados na medicina. Segundo a comunidade online de História das Ciências da Saúde, mantida por alunos da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa,

No final do século XIX os hospitais tornavam-se um local de afirmação do poder médico, graças à sua aliança com a ciência, como também devido à expulsão daqueles que exerciam indevidamente a profissão. As práticas bárbaras da terapêutica médica, citando como exemplo a purga e a sangria, foram remetidas para o campo tradicional. A sociedade ocidental encontrava-se em euforia, com o início da aplicação do princípio da vacinação preventiva e da soroterapia curativa relativamente às doenças microbianas. Verificou-se então o aumento da generosidade por parte da sociedade para com os investigadores, ficando estes com um melhor estatuto graças ao prestígio da ciência. (ARS-CURANDI WIKI, 2021⁷)

Apesar de existirem registros da identificação de transtornos psicológicos desde o ano 1500 A.C., foi a partir do século XVII que o que conhecemos como psicologia moderna nasceu (CHERRY, 2020). De acordo com a autora (tradução minha) “Foi no século XIX que a psicologia foi estabelecida e aceita como uma ciência empírica. Embora as medidas tenham mudado dentro desse período de 100 anos, o modelo de pesquisa e avaliação começava a tomar forma.” É na década de 1890 que a psicologia passa por marcos importantes mundialmente, incluindo a abertura de laboratórios experimentais de psicologia, o início do estudo de psicologia em diversas universidades e a abertura da primeira clínica psicológica dos Estados Unidos. Em 1892 fundou-se a Associação Americana de Psicologia, e em 1899 Sigmund Freud já fazia sessões de terapia e escrevia seu famoso livro sobre psicanálise, *A interpretação dos Sonhos* (CHERRY, 2020). De acordo com José Paulo Fiks, até meados do século XX delírio e doença mental eram sinônimos, mas, com o tempo, foram distanciando-se a partir de estudos mais aprofundados. Vale, assim, apontar que muitos dos conceitos definidos na época foram, aos poucos, transformando-se e chegando ao que conhecemos hoje. Como muitas ciências, a psicologia é mutável e sempre terá espaço para evoluir.

⁷ ARS-CURANDI WIKI. Medicina Hospitalar no século XIX. Disponível em: https://ars-curandi.wikia.org/pt/wiki/Medicina_hospitalar_no_s%C3%A9culo_XIX#. Acesso em: 15 mai.2021

Dessa forma, entende-se que o estudo da mente humana vinha-se desenvolvendo e despertando a curiosidade de muitos profissionais. Assim, *Return to Oz* não está totalmente fugindo do contexto da época. O estudo de distúrbios mentais estava cada vez mais vigente, mas era principalmente desenvolvido em laboratórios e sessões de terapia, não com a ECT. No filme, a inclusão da técnica, que surgiria apenas em 1938, deixa a questão apenas mais gritante e, com certeza, causa mais impacto no espectador. Da mesma forma que a visão sobre a eletroconvulsoterapia foi distorcida pela representação cinematográfica, os hospitais do século XIX têm também, em sua maioria, representações que carregam uma atmosfera pesada, traduzida na maioria das vezes pela iluminação pontual ou pelos ambientes sujos, precariamente equipados, acompanhados de sangue e morte. Essa era, muitas vezes, a realidade dos hospitais no início do século XIX, mas pouco se vê a representação do momento em que a medicina como a conhecemos atualmente começou a tomar forma. É claro que o cinema não tem a obrigação de ser fiel à realidade, mas ele com certeza ajuda a moldar a visão de mundo do público.

Do ponto de vista estético, *Return to Oz* faz uma representação verídica dos hospitais da década. Ainda primitivos, mas não tão precários quanto no início do século, antes da inserção dos métodos antissépticos e da anestesia. Os delírios, alucinações e psicoses estavam começando a ser exploradas na psicologia, fazendo com que o estudo de Dr. Worley se encaixe na linha temporal histórica, apesar da ECT. Se comparada com fotos da época, a aparência da clínica no filme parece até mais moderna do que a da realidade da época, provavelmente pela presença de cores e pela inserção do método de ECT. Apesar de semelhante, *Return to Oz* detém uma estética mais sombria, mas a simplicidade das salas, os móveis, os utensílios e os uniformes possuem aspectos muito parecidos (Figura 9). De forma geral o filme é bastante fiel aos registros encontrados de meados de 1899, sem exageros para transmitir precariedade, mas com a aparência mais sofisticada pela inclusão da terapia de choque que exige o uso de equipamentos mais modernos.



Figura 9. Hospital do filme x realidade de 1899
Fonte: *Return to Oz* (1985) e Universidade de Washington

3.4 Anos 1980

Segundo José Paulo Fiks (2002), a paranoia também é bastante representada no cinema. De acordo com a redação do site Psicanálise Clínica (2020), a paranoia caracteriza-se por crenças distorcidas e pela sensação de desconfiança em relação a algo ou alguém. Fiks aponta que, devido ao contexto social, esse tema tornou-se mais forte nas telas a partir da década de 1970, com o auge do terrorismo de esquerda e de direita. Os ataques terroristas na Europa Ocidental e a contínua Guerra do Vietnã assolavam o mundo e espalhavam o medo na sociedade (ESTADO DE MINAS, 2019). O sentimento de instabilidade da realidade refletia-se no cinema, trazendo personagens transtornados e cenários mais sombrios, sendo esse também o caso de *Return to Oz*, em que até mesmo o mundo mágico se apresenta como hostil. Filmes da época, como *Touro Indomável* (Martin Scorsese, 1980) e *O Iluminado* (Stanley Kubrick, 1980), apesar de não fazerem parte do mesmo gênero cinematográfico, contam com protagonistas perturbados, cujas emoções instáveis e o uso da violência acabam comprometendo seus relacionamentos.

Além disso, ao redor dos anos 1980 pairava a ameaça iminente de uma guerra nuclear. Em meio à corrida espacial e ao desenvolvimento de novas tecnologias, a sociedade temia o pior, enquanto as duas maiores potências do mundo se enfrentavam na Guerra Fria. De acordo com Artur Perrusi, autor do livro *Imagens da loucura: representação social da doença na psiquiatria* (1995), a realidade não é objetiva, mas “é representada, ou seja, apropriada pelo indivíduo e pelo grupo, reconstruída no seu sistema cognitivo, integrada ao seu sistema de valores, dependente da sua história e do contexto social e ideológico no qual está inserida”. Ainda de acordo com ele, a representação é uma forma de interpretação da realidade que organiza as relações do indivíduo com o mundo e guia sua conduta em sociedade. Dessa forma, o cinema da década de 1980, além da paranoia, contava com o tema constante da violência. Filmes com temáticas tensas e pesadas, salpicadas com brutalidade explícita, caracterizaram a década. Esses elementos misturados à temática infantil resultaram em filmes como *Labirinto* (1986), *A Lenda* (1985) e *Return to Oz* (1985), nos quais, por mais que haja elementos fantásticos e divertidos, o pano de fundo é estranhamente macabro. *Labirinto* (1986) lida com questões como a competição por afeto entre irmãos. Quando a protagonista deseja que seu irmão mais

novo pare de incomodá-la, assustadoramente, seu pedido é realizado e o irmãozinho é sequestrado por *goblins*. Para recuperá-lo, Sarah precisará passar por um labirinto repleto de armadilhas e obstáculos, conhecendo aliados ao longo do caminho para resgatar o irmão, evitando sua morte. Em *A Lenda (1985)*, Jack, um camponês que vive em uma floresta mágica precisa resgatar a Princesa Mili do Senhor das Trevas, uma criatura de pele vermelha e chifres gigantescos, que pretende impor a noite eterna no mundo e ficar com a princesa. Jack, com a ajuda de diferentes criaturas, corre para salvar sua amada. Apenas com uma pequena sinopse já é possível identificar elementos que se repetem nesses filmes e em *Return to Oz (1985)*: o mundo mágico, os obstáculos, os aliados e uma figura maligna poderosa. Esses filmes têm também muitas semelhanças estéticas, principalmente em como a perversidade é explorada nas atuações e figurinos, com o uso de roupas extravagantes e exageradas, principalmente pelos vilões, maquiagens pesadas nos inimigos e leve, quase não notável, nos protagonistas, para denotar inocência e pureza. Além de cenários grandiosos e complexos que enfatizam a fragilidade dos mocinhos e o poder dos vilões.

Segundo Larissa Ximenes (2018), redatora do site *ShowMeTech*, grande parte dos filmes da década eram voltados ao público jovem, entre adolescentes e crianças, como *O Clube dos Cinco (1985)* e *Curtindo a Vida Adoidado (1986)*, o que aumentou também a contratação de elenco nessa faixa etária. Ainda segundo Larissa,

[...] talvez um dos grandes marcos dos filmes dos anos 80 é que neles seus produtores marcam uma geração onde as regras e códigos seguidos pelos filmes dos anos 60 e 70 são quebradas e quase deixadas de lado, criando assim uma espécie de revolução no mundo cinematográfico, quebrando convenções. (XIMENES, 2018)

Acredito ser esse o contexto que levou Walter Murch a roteirizar e dirigir *Return to Oz* da forma que fez, escolhendo uma história clássica, sendo extremamente fiel aos livros, mas quebrando as convenções ao incluir elementos sombrios na narrativa de um filme infanto-juvenil. A violência dos anos 1980 pode não estar explicitamente representada, mas a perversão de alguns personagens e a paranoia de Dorothy estão ali como frutos do sentimento de instabilidade da época. É importante apontar que o hospital de eletrochoque não existe nos livros de L. Frank. Baum, até porque a técnica nem mesmo havia sido inventada nos anos em que foram lançados. Esse elemento macabro é exclusivo do filme e, segundo Walter Murch, é utilizado para transmitir o quão indefesa Dorothy se sente, sendo deixada por sua responsável, Tia Em, em um

local hostil para ela, causando assim desconforto⁸. Dessa forma, no livro, o questionamento sobre a saúde mental de Dorothy não existe, porque nenhum dos personagens do mundo mágico é uma distorção dos personagens da vida real, já que o hospital psiquiátrico não existe.

3.5 Estratégias de representação

Filmes mais recentes, das décadas de 2000 e 2010, mostraram grande interesse pelo tema dos transtornos psicológicos, do ponto de vista macabro. Lidando com elencos mais velhos do que o de *Return to Oz*, esses longa-metragens usam diferentes estratégias imagéticas e narratológicas para retratar o distúrbio mental. Em *A Ilha do Medo* (2010, Martin Scorsese), os indícios de loucura são criados a partir de incongruências no espaço e nos acontecimentos relacionados ao personagem principal. A confusão aumenta até chegar ao seu estopim, quando a verdade é revelada para o personagem e ele lembra do trauma e o que o levou à decadência mental. O filme nos faz acreditar até os últimos minutos que o protagonista é um investigador, quando na verdade era um paciente do manicômio que “investigava”. De forma imagética, utilizando a comparação, *O Mistério das Duas Irmãs* (2009, Charles e Thomas Guard) acontece até os últimos minutos como um filme sobre conflito familiar e acontecimentos macabros na vida de duas irmãs. A sequência final revela que uma das irmãs já havia morrido, enquanto a outra a imaginava. Para isso, cenas que antes apareciam com as duas irmãs são apresentadas apenas com uma delas. A explicação não precisa ser dita, apenas mostrada (Figura 10).



Figura 10. Antes e depois
Fonte: O mistério das duas irmãs (2009)

⁸ WALTER Murch- Why 'Return to Oz' seems scary. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SpaV2_vT4Ps&ab_channel=WebofStories-LifeStoriesofRemarkablePeople. Acesso em: 23 set. 2020.

Sob esse ponto de vista, *Return to Oz* é um filme menos didático. O fato de Dorothy passar por um hospital de eletrochoque antes de chegar a Oz apenas planta uma semente de desconfiança sobre o estado mental da personagem e sobre o que seja real ou não. Acrescenta-se a isso o fato de objetos e pessoas presentes no hospital psiquiátrico serem transferidos para o mundo de Oz em uma versão distorcida de si mesmos. Em nenhum momento a loucura da menina é confirmada, explicada ou negada. Ela se apresenta nas entrelinhas.

Em *Cisne Negro* (2010, Darren Aronofsky), uma das estratégias utilizadas também é a imagética. Reflexos que não condizem com a realidade, imagens que não fazem sentido e distorções do mundo real são usadas para representar as alucinações da personagem, que, na busca pela perfeição, acaba se destruindo. No livro *A Narrativa Cinematográfica*, de André Gaudreault e François Jost (2009), ao abordar o ponto de vista, no subcapítulo sobre a ocularização interna primária, explicam que essa técnica

Trata-se [...] de sugerir o olhar sem obrigatoriamente ter de mostrá-lo: para tanto, a imagem é construída como índice, como um vestígio que permite ao espectador estabelecer uma ligação imediata entre aquilo que vê e o instrumento de captura das imagens que gravou ou reproduziu o real, pela construção de uma analogia à sua própria percepção. (GAUDREULT; JOST, 2009, p.170)

Na ocularização interna, é como se estivéssemos vendo o mundo através dos olhos do personagem; assim, quando há distorção e falta de sentido espacial e temporal, o espectador tem um vislumbre do seu estado emocional e mental. Os autores apontam que esse tipo de interferência funciona melhor quando a imagem é afetada por alguma característica que foge da visão considerada “normal”, como o desfoque e a distorção. Apesar de não ser literalmente afetada pelo efeito imagético de distorção, quando Dorothy chega em Oz, a partir de uma análise mais aprofundada, pode-se perceber que elementos da vida real foram distorcidos, transpostos para o mundo mágico e ressignificados pela protagonista.

Na série televisiva *Mr. Robot* (2015-2018, Sam Esmail), a representação do transtorno psicológico do personagem principal se dá, muitas vezes, a partir de sua perspectiva em relação aos ambientes. Elliot sofre com transtorno dissociativo de personalidade e, muitas vezes, para lidar com seu sofrimento, cria cenários não reais em sua mente. Tudo que vemos na série é através olhos dele. Na segunda temporada, ele é preso, mas só se descobre isso quando alguém lhe faz lembrar desse fato.

Quando estava dentro da prisão pensava estar em casa com sua mãe, e, ao sair no pátio ou ir ao refeitório, se via em uma praça ou restaurante. Para transmitir isso em tela, locais de cenas anteriores que pareciam ser do cotidiano, são vistos como realmente eram, na prisão (Figura 11). Além disso, Elliot conversa com o espectador, explicando que ele não escondeu estar preso por querer, que isso é apenas um mecanismo de defesa de sua mente. Os ambientes reais e imaginários são semelhantes, mas não há a reprodução exata de ângulos ou algo do tipo e Elliot nos guia durante o processo de revelação da realidade.



Figura 11. Ilusão x Realidade
Fonte: Mr. Robot (2016)

Em uma obra ainda mais recente, Lady Gaga, junto com o diretor Tarsem Singh, criaram, no curta para a música *911* (2020)⁹, um universo imaginário repleto de ambiguidades e significados. De início, somos jogados em uma terra desconhecida, em meio ao deserto. Várias figuras cruzam o caminho da cantora: um homem barbado, uma mulher agarrada em um corpo mumificado, um homem batendo a cabeça em um travesseiro, sacerdotes com robes amarelos e uma mulher vestida de santa. Ao final do curta, revela-se que tudo não passava de uma ilusão. Voltamos para a realidade em um acidente, Lady Gaga sendo socorrida por um médico barbado e uma mulher usando branco. Em um carro, um homem ensanguentado apoia a cabeça no airbag, no meio da estrada uma mulher segura um corpo e bombeiros de uniforme amarelo passam. Em um grande letreiro no cinema lê-se: Festival Armênio ao lado de um pôster do deserto. (Figura 12).

⁹ SINGH, Tarsem; GAGA, Lady. 911. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=58hoktsqk_Q&ab_channel=LadyGagaVEVO. Acesso em: 10 dez. 2020.

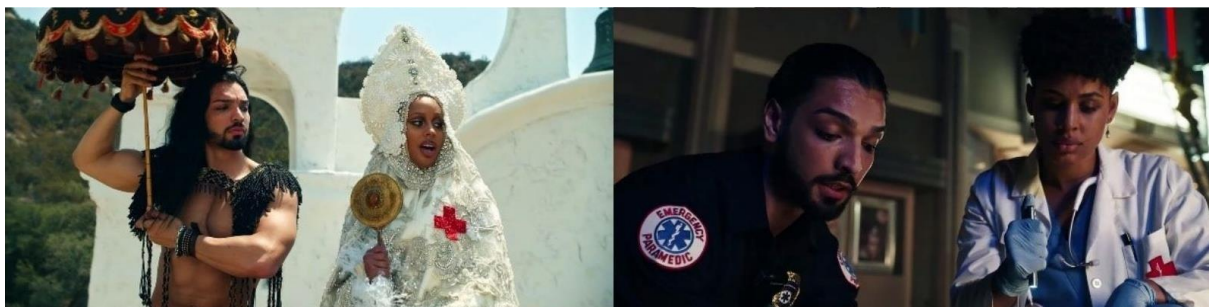


Figura 12. Paramédicos
Fonte: 911 (2020)

Sinto a necessidade de abordar esse exemplo pelo fato de ele se assemelhar muito com o mecanismo utilizado em *Return to Oz*, onde elementos do mundo real são transformados em uma fantasia ou ilusão como recurso para lidar com um momento traumático. O espectador, sem precisar que alguém explique, vê o delírio em sua frente. Entretanto, o efeito é diferente dependendo da ordem dos acontecimentos. Em *911* o choque é grande pois apenas se revela a realidade no final. Já em *Return to Oz*, primeiro entramos em contato com a realidade para depois mergulhar na fantasia e tentar decifrar a versão distorcida da realidade de Dorothy.

Return to Oz parece ser o resultado da soma de uma época de instabilidade com a vontade de inovar a partir da adaptação de uma história clássica. Da mesma forma que outros diretores quebraram paradigmas cinematográficos na época, Walter Murch surpreendeu ao incluir elementos que nos fazem questionar o estado mental de uma das personagens mais queridas da literatura e protagonista de um dos mais famosos musicais do cinema. Apesar de não ser um filme focado em psicologia, vários de seus elementos e detalhes trouxeram essa discussão à tona. Acredito que a arte da sutileza, na maioria das vezes, supera explicações exageradas. Ao instigar discussões sobre transtornos psicológicos, *Return to Oz* também revela os recorrentes erros cometidos pela indústria cinematográfica sobre esse assunto, principalmente quando o filme tem uma visão distorcida e maléfica da ECT, que contribuiu na criação de um imaginário coletivo errôneo sobre o tratamento. Fica evidente também que, infelizmente, em muitas produções, a veracidade em relação a psicologia, transtornos e tratamentos é deixada de lado para favorecer o enredo do filme.

4 OS TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS EM *RETURN TO OZ*

Este capítulo não tem como pretensão diagnosticar nenhum personagem, pois qualquer diagnóstico deve ser feito por um profissional de psiquiatria ou psicologia. Busco apenas apontar sintomas e comportamentos apresentados em *Return to Oz* que denotam a presença de algum distúrbio, e analisá-los. Importante também lembrar que o filme não é uma representação totalmente fiel da realidade: além de incongruências temporais, como o uso da terapia de choque antes mesmo de ela ser inventada, a abordagem do transtorno apresentado por Dorothy também não é certa. Esta nada mais é do que uma busca pelos sintomas que mais se aproximam daqueles representados em *Return to Oz*.

Segundo Carol Sonenreich, no prefácio do livro *Delírio, um novo conceito projetado em cinemas*, de José Paulo Ficks,

Claro que o enfoque do cineasta não é o do psicopatologista. O cineasta quer fazer um bom filme e os elementos que ele seleciona não são aqueles que levariam a um diagnóstico, mas os mais “cinematográficos”. Um psiquiatra, se quiser examinar o cinema, deve ter consciência de que a abordagem profissional desta forma de arte não é “objetiva”. Ao analisar o personagem do filme, o psiquiatra se engana se quiser diagnosticar o “caso”; ele só pode ver o que o autor quis dizer. (SONENREICH, 2002, p.12)

A discussão sobre o possível transtorno de Dorothy foi muito fomentada por fóruns na internet. Alguns especulam a possibilidade da personagem Ozma ser uma dissociação da personalidade de Dorothy, ou a de que o filme seja na verdade sobre controle mental e os experimentos MK Ultra, ou até mesmo sobre estresse pós-traumático. Estamos falando de um filme que em nenhum momento confirma ou desmente a existência de algum distúrbio, o que possibilita uma investigação com resultados variados. Neste trabalho, partindo de uma análise e estudo de conceitos e manuais da psiquiatria, abordarei principalmente o viés das psicoses, com base em como acredito que estejam presentes no filme.

Decidi levar a Dorothy de *Return to Oz* para uma visita à psiquiatria e foi a Doutora Nádia Ahamad que nos atendeu¹⁰. Para ela, a viagem à Oz nada mais é do que Dorothy tentando “sublimar os problemas da vida real, partindo para um mundo imaginário criado por ela mesma”. Em suas palavras, “Dorothy tenta fugir da realidade cinza, indo para o mundo fantástico e colorido”, e o simples fato de ela ser órfã já representa uma realidade difícil. Segundo a Doutora, trata-se de um mecanismo

¹⁰ Entrevista concedida à autora por telefone em 10 de junho de 2021.

comum que algumas crianças desenvolvem, não necessariamente representando um transtorno psicológico grave. No filme, a presença do hospital de ECT é o que de fato sugere a possibilidade do distúrbio mental.

O conceito mais recente de doença mental é definido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). Como aponta Diogo Benoski (2004), em sua tese *Cinema: Representação e Loucura*, não há uma definição que englobe todas as diferentes situações possíveis dos pacientes. Ainda, segundo ele:

Para definir a doença mental, a psiquiatria atualmente liga-se a duas tendências básicas. A primeira é a tentativa de explicar as doenças através de termos físicos, isto é, o método orgânico. A segunda é a tentativa de encontrar explicação psicológica para as perturbações mentais. (BENOSKI, 2004, p. 31-32).

Para analisar *Return to Oz* vamos partir da percepção psicológica, levando em conta as vivências de Dorothy e os efeitos que essas têm em sua saúde mental. Logo no início do filme, percebe-se que Dorothy apresenta problemas para dormir e relata uma grande saudade de seus amigos do mundo de Oz. Essa saudade a deixa extremamente triste, e, pela preocupação de Tia Em, fica implícito que esse estado apático e de insônia seja recorrente. Deve-se levar em conta que *Return to Oz* se passa seis meses após os acontecimentos do filme original de 1939. Segundo o site da empresa farmacêutica Pfizer (2020), uma pessoa é considerada depressiva quando a tristeza intensa dura mais de duas semanas. Acho possível dizer, assim, que Dorothy apresenta sinais de uma possível depressão.

A depressão pode ser classificada de diferentes formas¹¹, e, segundo a psiquiatra Ana Paula Bechara, em matéria para o site Cuidado pela vida (2019)¹², existe um tipo de depressão que é psicótica, na qual o paciente sofre com delírios e alucinações, além dos sintomas usuais, como tristeza profunda, insônia, falta de interesse e energia, além de alterações no apetite e no peso. De acordo com o Manual DSM-5, “os delírios são crenças fixas, não passíveis de mudança à luz de evidências conflitantes” (CARPENTER, et al., 2014, p. 87). Ou seja, apesar de ter informações

¹¹ HAIKAL, Priscilla. Existem tipos de depressão; conheça os 8 mais comuns e seus sintomas. UOL. Postado em: 03 out. 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/10/03/tipos-de-depressao-sintomas-e-como-identificar.htm>. Acesso em: 22 set. 2020.

PSICOLOGIA VIVA. É depressão ou tristeza? 5 dicas para compreender e diferenciar uma da outra. Postado em: 5 ago. 2019. Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/e-depressao-ou-tristeza/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

¹² CUIDADO PELA VIDA. O que é depressão psicótica? Saiba mais sobre sintomas e tratamento! Postado em: 15 mai. 2019. Disponível em: <https://cuidadospelavida.com.br/saude-e-tratamento/depressao/depressao-psicotica>. Acesso em: 21 set. 2020.

que provem o contrário, o paciente acredita em algo ilusório. Para Freud, segundo José Paulo Fiks (2002), “o delírio é uma tentativa de cura com a reconstrução do mundo externo pelo mecanismo de projeção”, o que acredito ser exatamente o que a personagem faz. Dorothy acredita firmemente que seus amigos de Oz tentam lhe mandar mensagens através das estrelas e, apesar do desencorajamento dos tios, procura significados em objetos comuns, como uma chave redonda, que afirma ser originária de Oz, e que reaparecerá no mundo fantástico (Figura 13).



Figura 13. "Chave de Oz"
Fonte: Return to Oz (1985)

Já as alucinações “são experiências semelhantes à percepção que ocorrem sem um estímulo externo. São vívidas e claras, com toda a força e o impacto das percepções normais, não estando sob controle voluntário” (CARPENTER, et al., 2014, p. 87). Acredito que o mundo fantástico de Oz seja uma alucinação vívida de Dorothy, principalmente pelo fato de pessoas da sua vida real serem transferidas para esse mundo, cumprindo outros papéis. Aqueles que tentaram submetê-la ao tratamento se tornam vilões, enquanto objetos inanimados se tornam seus aliados. Essa questão será abordada mais a fundo no próximo capítulo, centrado na análise do filme.

A psicose em si não é uma doença, mas um sintoma, que pode ser definido como uma “perda de contato com a realidade” (PIMENTA, 2019). No capítulo sobre Psicoses do livro *Conduas de Atenção Primária Baseadas em Evidências*, os autores caracterizam a síndrome psicótica como:

Notório prejuízo do teste da realidade, evidenciado por delírios, alucinações, pensamento incoerente, pobreza do conteúdo do pensamento, pensamento claramente ilógico, conduta bizarra ou grosseiramente desorganizada ou, ainda, catatônica” além de outros efeitos como a tristeza exacerbada e a insônia. (ABREU et al, 2013, p. 1125).

O capítulo do Manual DSM-5 sobre espectro de esquizofrenia e outros transtornos psicóticos aborda o transtorno psicótico breve, que se caracteriza por um episódio psicótico que dura mais de um dia e termina em menos de um mês (2014); e

pelo menos um dos sintomas deve aparecer. Dorothy apresenta dois sintomas, o delírio e a alucinação vívida. Durante o filme, os sintomas duram por alguns dias, mesmo que haja uma distorção temporal entre o mundo real e o mundo mágico. Levando em conta o passado de Dorothy, que passou pelo trauma de ter sua casa destruída por um tornado, perder contato com seus amigos e em seguida fugir desesperada de um hospital de eletrochoque, existe a possibilidade dessa psicose ser reativa, aquela que é relacionada a algum acontecimento marcante, sejam eles pessoais ou universais, afetando em sua maioria pessoas mais instáveis e imaturas, podendo ser contínuas ou transitórias (ABREU, et al., 2013).

De acordo com o Manual DSM-5,

A característica essencial do transtorno psicótico breve consiste em uma perturbação que envolve o aparecimento repentino de pelo menos um dos seguintes sintomas psicóticos positivos: delírios, alucinações, discurso desorganizado (p. ex., descarrilamento ou incoerência frequente) ou comportamento psicomotor grosseiramente anormal, incluindo catatonia. Início súbito é definido como uma mudança de um estado não psicótico para um estado claramente psicótico em duas semanas, geralmente sem um pródomo. Um episódio da perturbação tem duração mínima de um dia, ainda que inferior a um mês, e a pessoa eventualmente tem um retorno completo ao nível de funcionamento pré-mórbido. (CARPENTER, et al., 2014, p. 95)

Apesar de estar há mais tempo relatando tristeza, insônia e crenças fora da realidade, é muito repentinamente que o mundo mágico se apresenta para Dorothy logo após ela fugir do hospital. Esse episódio parece durar no máximo uma semana, levando em conta a cronologia do filme. Mesmo após sair do mundo mágico, ela ainda tem uma última visão de Ozma em seu espelho, e, quando o filme acaba, presume-se, principalmente pelo tom de alegria, que seus delírios e alucinações tenham acabado, durando, assim, menos que um mês.

O tratamento da síndrome ou de surtos psicóticos deve ser feito com uso de medicamentos antipsicóticos, junto com outros eventuais remédios relacionados aos diferentes sintomas, assim como deve-se manter um estilo de vida saudável e seguir com a observação médica (ABREU et al, 2013). Em *Return to Oz* o tratamento utilizado é claramente equivocado, retratado como maléfico e assustador, assunto discutido no capítulo anterior. Para Paulo Silva Belmonte de Abreu (2013, p. 1126), “Dada a grande diversidade das causas, com importantes diferenças qualitativas e quantitativas, os prognósticos das psicoses devido a lesão e disfunção cerebral são extremamente variáveis”. De acordo com os dados e fatos apresentados, é possível perceber as diferentes camadas dos transtornos psicológicos relacionados à psicose e à perda de contato com a realidade. Acredito que Dorothy possui alguns sintomas

que indicam a presença desse transtorno no filme, mesmo que de forma não explícita ou não totalmente verossímil. O filme poderia muito bem ser sobre a imaginação fértil de uma criança, que busca refúgio no mundo dos sonhos; porém, a inserção do hospital psiquiátrico é o que transforma a obra em algo mais problemático.

5 UM MUNDO NÃO TÃO MÁGICO ASSIM

Return to Oz, lançado em 1985, primeiro e único filme escrito e dirigido por Walter Murch, é uma adaptação fiel e ao mesmo tempo inovadora de dois livros de L. Frank Baum. Walter Murch decidiu adaptar os dois livros subsequentes ao famoso *O Mágico de Oz: A Maravilhosa Terra de Oz* e *Ozma de Oz*, criando, assim, uma continuação não oficial do clássico filme musical de 1939. Contando com recriações em tela quase idênticas aos personagens dos livros, o filme toma uma liberdade narrativa que aumenta exponencialmente as possibilidades de interpretação.

O filme se passa seis meses após o tornado do filme e livro originais, no ano de 1899. A época é deixada clara por falas dos personagens, que esperam a chegada do ano de 1900. A aparência da casa de Dorothy é bastante simples, com objetos empilhados e amontoados pelos cantos, com predominância da madeira como material. Sua aparência já desgastada denota uma dificuldade financeira, corroborada pelas falas dos tios da menina. Com a construção da nova casa interrompida em meio ao inverno devido à falta de dinheiro e dívidas da família, Dorothy enfrenta uma realidade difícil. Seu dia a dia se resume em trabalhar na fazenda e ajudar nas tarefas diárias. Dessa forma, o mundo dos sonhos e da fantasia se torna ainda mais sedutor. Como apontado por Banks (2018), esse elemento pode ser percebido em várias obras com protagonistas femininas que precisam lidar com uma realidade trágica, como por exemplo, *O Labirinto do Fauno* (2006, Guillermo del Toro), *Alice no País Das Maravilhas* (1951, Clyde Geronimi, Wilfred Jackson, Hamilton Luske), e até mesmo *Labirinto* (1986, Jim Henson), citado anteriormente como um exemplo de filme infanto-juvenil dos anos 1980. E, como visto anteriormente, para a psiquiatra Nádia Ahmad, o mundo mágico de Dorothy parece ser uma sublimação dos sofrimentos da vida real. Então, para fugir da monotonia e da realidade deprimente, ela vai em busca de uma alternativa: Oz. Durante a noite, ela relata uma constante saudade de Oz, sofrendo com insônia e tristeza. Além disso, encontra significados em coisas banais, como se fossem sinais do mundo mágico. Uma chave redonda, para ela, é a chave de Oz, e uma estrela cadente simboliza o Espantalho lhe enviando uma mensagem. De acordo com os diálogos, entende-se que esse comportamento se estende por um bom tempo, configurando-se como sintoma de algum transtorno mental, como visto no capítulo anterior. Seus tios, preocupados, a levam ao novo médico da cidade, especializado em eletroconvulsoterapia.

Existe uma escolha aqui muito peculiar, incluir um hospital de eletrochoque em uma época em que o tratamento nem sequer existia. A técnica só seria inventada em 1938, como apresentado no Capítulo 3. Só se sabe dessa informação sobre a incongruência das datas mediante uma pesquisa direcionada ao tema. Os espectadores leigos não tinham essa noção, então a presença do tratamento de eletrochoque não representava, para eles, a falta de veracidade em prol da narrativa, mas apenas um elemento macabro. Porém, como apontado por Fiks (2002), a indústria cinematográfica constantemente modifica fatos para que se encaixem na história a ser contada. Assim, a terapia de choque é adicionada a uma época em que não existia, e ainda por cima é vista como maligna. Com esse elemento, cria-se uma discussão que não está presente na obra literária de L. Frank Baum. Dorothy, uma personagem tão querida e doce, poderia estar sofrendo com um transtorno mental, ou ainda, sendo erroneamente levada à terapia de eletrochoque, uma ideia certamente perturbadora. A estética do filme colabora muito para enfatizar ainda mais que essa não é a história do *Mágico de Oz* que conhecemos. A imagem granulada, a iluminação natural, a predominância de tempo nublado e figurinos de cores neutras não traduzem exatamente um ambiente muito feliz.

Na clínica de eletrochoque, a ambientação é uma das maiores responsáveis por traduzir o medo de Dorothy. É lá que a grande peculiaridade do filme se apresenta: o ambiente parece ser o combustível para a criação do mundo mágico a partir da mente de Dorothy. Doutor Worley, o especialista na terapia de eletrochoque, é bastante simpático e questiona Dorothy sobre Oz com um tom de leve deboche, deixando a menina desconfortável. A enfermeira chefe usa um volumoso vestido preto com mangas pontiagudas, parecendo um mau agouro, fitando Dorothy com um olhar de desprezo. Os dois enfermeiros usam jalecos brancos encardidos e têm a aparência doentia, pálidos, com olheiras e descabelados. Estranhamente, parece não haver outros funcionários na clínica além dos quatro personagens apresentados. O local é bastante vazio, parecendo por vezes abandonado. A entrada e o escritório do hospital são decorados com objetos sofisticados, ostentando várias lâmpadas, vitrais e madeira ornamentada, enquanto a parte interna do local tem tons apagados, quartos extremamente simples e paredes manchadas, indo contra a expectativa que se tem atualmente, de uma estética asséptica em hospitais e clínicas. Dessa forma, se assemelha a Oz, bela e esperançosa em um primeiro momento, mas abandonada e macabra à medida que Dorothy segue seu caminho.

Em uma cena de tom quase sádico, o Doutor, de forma alegre, apresenta a máquina de eletrochoque como se fosse uma amiga de Dorothy, chamando atenção para como o equipamento parece ter um rosto (Figura 14). Mesmo que essa seja a forma do Doutor de tornar o procedimento menos assustador para Dorothy, o desconforto não diminui. Devido ao imaginário coletivo já construído por outros filmes sobre a terapia de eletrochoque, como visto no Capítulo 3, com base nas ideias de Crippa (2017), apenas a possibilidade desse tratamento ser usado em uma criança já torna o filme mais pesado do que o que se espera de uma história sobre um mundo mágico. Como apontado anteriormente, no ano em que o filme acontece, 1899, o interesse pela psicologia estava aumentando cada vez mais. No filme, Dr. Worley se mostra ansioso pelas inovações que estão por vir, em especial pelo uso da eletricidade e por como isso poderia beneficiar sua área de atuação.



Figura 14. Máquina de Eletrochoque
Fonte: Return to Oz (1985)

Dorothy é deixada sozinha na clínica por Tia Em, uma experiência certamente amedrontadora para uma menina de nove anos: sua responsável e cuidadora a deixa em um local que lhe parece hostil. Dorothy espera pelo procedimento em um pequeno quarto mal iluminado. Lá fora uma tempestade se forma, como uma representação física da conturbação pela qual Dorothy está passando. É também no hospital que Dorothy conhece uma menina da sua idade com cabelos loiros que lhe presenteia com uma abóbora de halloween, aleatoriamente. O barulho estridente das rodinhas da maca anuncia que é hora de Dorothy realizar o tratamento. Em uma cena extremamente tensa, enfatizada pela trilha sonora, que se intensifica à medida que o procedimento é preparado, o Doutor calibra a máquina que estala e vibra com eletricidade. Dorothy, amarrada à maca, tem os olhos inquietos, tendo sobre si o olhar severo da enfermeira chefe. Com planos cada vez mais rápidos e fechados, o doutor faz os últimos ajustes. A enfermeira coloca um equipamento na cabeça da menina. O

doutor aciona a máquina no exato momento em que um raio atinge o hospital e a luz acaba. A menina loira surge novamente e ajuda Dorothy a fugir do local. A enfermeira chefe persegue as duas esbravejando, uma visão macabra em meio à tempestade. Vendo-se sem saída, as duas pulam no rio de correnteza agitada que corta o caminho. Na sequência, a menina loira some, e Dorothy, sendo levada para longe pela correnteza, encontra um caixote de madeira no qual se segurar.

Magicamente, Dorothy acorda em um pequeno lago com Belina, uma galinha de sua fazenda, falando com ela. Olhando ao redor, Dorothy percebe que está em Oz. Comparado com o mundo real, Oz tem a estética mais colorida e tempo mais aberto, mas ainda assim, mais apagada do que se esperaria do mundo mágico, sem as famosas músicas e danças do *Mágico de Oz* de 1939. Como uma previsão do que está por vir, Dorothy percebe que está com o caixote em cima do Deserto Mortal, que transforma quem pisa nele em areia. Apesar dos longos campos à frente, é literalmente em cima de uma ameaça que a jornada de Dorothy em Oz começa dessa vez. Com Belina em mãos, Dorothy vaga por Oz e encontra a estrada de tijolos amarelos completamente destruída, sem brilho algum. Desesperada, ela corre até a Cidade das Esmeraldas, que encontra arruinada e com seus moradores petrificados, incluindo o Leão Covarde e o Homem de Lata. As cores são ainda mais cinzentas e o local parece abandonado, com a natureza tomando conta das construções. Indefesa, Dorothy é atacada por um grupo de seres com rodas no lugar das extremidades, que alegam a proibição de galinhas em Oz pelo Rei Nome. Um desses homens-roda tem o rosto idêntico a um dos enfermeiros do hospital psiquiátrico, e suas rodas emitem o mesmo som estridente da maca em que Dorothy fora colocada (Figura 15). A princípio, o uso do mesmo ator pode passar despercebido pela diferença da maquiagem, figurino e atitude, mas esse elemento surge como uma semente plantada na mente do espectador, que espalhará suas raízes ao longo do filme.



Figura 15. Enfermeiro e homem-roda
Fonte: Return to Oz (1985)

A partir daí, Dorothy, acompanhada de Belina, irá encontrar seus aliados e outros vilões, ainda mais assustadores. Fugindo dos homens-roda, ela consegue se esconder usando a chave redonda que encontrou na fazenda, e conhece Tik-Tok, um robô soldado de Oz. Feito de metal dourado e com um rosto simpático, o robô é ativado ao dar corda e, às vezes, para de funcionar em situações inoportunas, muito semelhante à máquina de eletrochoque do hospital,. Detalhe que também pode não ser notado à primeira vista (Figuras 16 e 17). Como abordado no capítulo anterior, traumas podem ocasionar transtornos psicológicos e até mesmo alucinações. Esse fato colabora para que algumas dúvidas surjam sobre a origem desse mundo mágico: ele realmente existe, ou é apenas uma forma de Dorothy lidar com o trauma pelo qual passou?



Figura 16. Tik-Tok e máquina
Fonte: Return to Oz (1985)



Figura 17. Dando corda
Fonte: Return to Oz (1985)

Combinando com essa perspectiva macabra, a trilha sonora do filme em geral é composta por instrumentais de tons graves executados por instrumentos de corda, o que combina muito com o tom macabro da narrativa. Algumas ocasionais músicas mais agudas e animadas, contando com instrumentos de sopro, entram para quebrar a seriedade. A música tema de Tik-Tok, por exemplo, assemelha-se a uma marcha, tocada no trompete em um ritmo repetitivo, encaixando perfeitamente com seu jeito de andar. É ao fim do filme que a trilha sonora se torna mais leve, com tom de celebração e alegria. A diferença de trilha do início até o fim do filme é expressiva, passando de uma melodia melancólica, tocada em violino, para um ritmo alegre, executado em trompetes e baterias. Na maior parte do tempo, a trilha sonora surge para reforçar a atmosfera sombria presente na vida de Dorothy.

A relação entre mundo real e Oz fica ainda mais evidente quando os principais vilões do filme são revelados. A Princesa Mombi é uma mulher perversa e vaidosa, que coleciona as cabeças das moças mais bonitas da Cidade das Esmeraldas para usar como sua. Sua cabeça original é idêntica à da enfermeira chefe do hospital, que é igualmente rígida e antipática com Dorothy. Ela aprisiona Dorothy e Belina em sua torre, e é lá que a menina conhece seus outros aliados, também resgates do hospital, apesar de muito mais sutis: O Gump, uma cabeça de alce falante, e Jack cabeça de Abóbora. No escritório de Dr. Worley uma cabeça de veado empalhado enfeitava a parede, e a abóbora foi um presente da menina loira para Dorothy. (Figuras 18 e 19)



Figura 18. O Gump
Fonte: Return to Oz (1985)



Figura 19. Jack Cabeça de Abóbora
Fonte: Return to Oz (1985)

Com um plano improvisado para escapar, Dorothy precisa roubar o Pó da vida, que fica guardado junto à cabeça original da bruxa. Em uma cena assustadora, o corpo sem cabeça de Mombi persegue Dorothy pelo palácio enquanto a menina corre para se salvar. Em um veículo voador feito com um sofá, cordas e folhas de palmeira, o grupo escapa e voa em direção à montanha do Rei Nome.

Estranhamente, são os objetos inanimados do hospital que se transferem para Oz como os aliados de Dorothy, muito provavelmente porque a maioria dos humanos lá presentes apareciam como uma ameaça para a menina. Assim como no filme de 1939, cada um dos aliados de Dorothy parece representar alguma qualidade. Se o Leão se torna corajoso, o Espantalho, inteligente, e o Homem de Lata consegue um coração, aqui os amigos de Dorothy já estão completos. Tik-Tok representa o pensamento estratégico e a sabedoria, sempre pronto para criar um plano e resolver situações. Jack Cabeça de Abóbora transborda sentimentos, mostrando-se

extremamente carente e carinhoso. Belina, o único ser realmente vivo que acompanha Dorothy, corajosa e expansiva, tem sempre um questionamento para fazer. Já Gump representa uma figura de confiança e calma, mantendo o controle e a paciência em momentos de tensão. De certa forma, muitos deles se assemelham aos aliados anteriores de Dorothy ou, até mesmo, podem ser uma representação das diferentes facetas da personalidade da menina, fortalecendo a hipótese do transtorno psicótico como combustível do mundo mágico.

À medida que o filme é analisado, percebe-se a grande atenção aos detalhes, desde a chave no pescoço da enfermeira, passando pelo número do quarto do hospital, até a lancheira de Dorothy (Figuras 20, 21 e 22). A chave aparece como um instrumento de aprisionamento, utilizado pela enfermeira e por Mombi para controlar Dorothy. No hospital, Dorothy é deixada sozinha para esperar o procedimento no quarto número 31, mesmo número do armário onde Mombi guarda sua cabeça original. Esse número fica no inconsciente de Dorothy como a representação de algo perigoso. Tia Em deixa a lancheira com Dorothy no hospital, mas a enfermeira a tira da menina. Logo ao chegar em Oz, Dorothy encontra uma árvore cujos frutos são lancheiras semelhantes à sua, recheadas de sanduíches. A lancheira é um dos poucos elementos reconfortantes, que lembram a menina de casa e de seus tios. O filme é repleto de rimas visuais (aqui referindo-se ao uso de elementos de cenas passadas em cenas futuras, criando paralelismo) e narrativas que despertam algumas dúvidas em quem assiste, de forma proposital. Há uma escolha consciente voltada para a criação de diferentes hipóteses sobre o estado mental de Dorothy. Toda a vivência em Oz parece ser um eco ou uma recriação distorcida da estadia de Dorothy no hospital.



Figura 20. Chaves
Fonte: Return to Oz (1985)



Figura 21. Número 31
Fonte: Return to Oz (1985)



Figura 22. Lancheira
Fonte: Return to Oz (1985)

Além das conexões materiais mais perceptíveis, há também elementos muito sutis que ficam gravados na mente de Dorothy e são transferidos para o mundo mágico. O sofá em que Dorothy se senta na primeira vez que conhece Doutor Worley tem o mesmo modelo do sofá usado em Oz para criar o veículo improvisado e fugir; As plantas da recepção do hospital são muito semelhantes às presentes no quarto de Princesa Mombi e a mesa do escritório do Doutor é ornamentada por vários objetos de decoração, em sua maioria de materiais brilhantes, quase como uma fração dos objetos da sala de ornamentos que posteriormente aparecerá no castelo de Rei Nome. O uso dos mesmos atores para interpretar diferentes personagens, junto com a direção de arte, são extremamente importantes para o filme. Os mínimos detalhes são em boa parte os responsáveis por deixar implícito que Oz é apenas uma recriação do mundo real a partir da mente de Dorothy.

O maior vilão do filme é ninguém menos que Rei Nome, homem de pedra com as mesmas feições do Doutor Worley. Apesar do tom simpático, os dois são as figuras com maior poder dentro dos dois mundos, simbolizando uma força masculina opressora. A hierarquia do hospital é também mantida no mundo mágico. Os homens-

roda trabalham para Mombi, que obedece veemente ao rei Nome. Ele é responsável por sequestrar o Espantalho, roubar todas as pedras preciosas de Oz e petrificar seus moradores. Nome é extremamente sádico, criando jogos que colocam em risco a vida de Dorothy e seus amigos como condição para resgatar o Espantalho. À medida que vão perdendo os desafios, Nome adquire feições mais humanas, chegando ao ponto de fumar cachimbo e usar um anel vermelho, igual a Dr. Worley. É como se ele se alimentasse do sofrimento. Ele até oferece bater os sapatos de rubi, mandar Dorothy para casa para fazê-la esquecer-se de Oz. É recorrente que os personagens adultos subestimem a capacidade de Dorothy. Assim como no mundo real, onde usam um tom condescendente com ela, em Oz ninguém espera que ela passe por todos os obstáculos em seu caminho.

Após Dorothy conseguir passar pelos desafios e salvar o Espantalho e seus outros amigos, Rei Nome tem um ataque de raiva e destrói o próprio palácio. Em meio às chamas e à iluminação vermelha infernal, a formação rochosa assustadora tenta comer Jack. O que ele não esperava era que Belina estivesse escondida dentro da cabeça de abóbora. Assustada, a galinha coloca um ovo que cai diretamente na garganta de Nome. O vilão agoniza chamando o ovo de veneno. É interessante o fato de que o único personagem vindo da fazenda, da casa de Dorothy, é o que destrói o vilão. A famosa frase de *O Mágico de Oz*: “não há lugar como o lar” é realmente propícia para esse universo. É uma parte do lar de Dorothy que consegue combater o maior vilão do mundo fantástico. Em uma sequência de gritos distorcidos, as feições de Nome vão se desintegrando, até ele virar apenas um monte de pedras. Dorothy pega seus sapatinhos de rubi de volta e deseja que todos voltem seguros para Oz.

A passagem por Oz encerra com uma grandiosa cerimônia no antigo palácio de Mombi. Todos os moradores voltam à vida, incluindo o Leão e o Homem de Lata. Mombi é presa e exibida em sua jaula para o resto da cidade. Ozma, a real rainha de Oz, havia sido aprisionada nos espelhos do palácio, mas Dorothy consegue libertá-la. Ozma é idêntica à menina loira que ajudou Dorothy no mundo real. Em uma cena em que Dorothy e Ozma parecem ser o reflexo uma da outra, a menina rainha é liberta e volta a governar Oz. O filme brinca muito com o uso de espelhos e reflexos em diversos momentos. É através do vidro que ela conhece a menina loira, é um reflexo de Ozma que a guia num momento de desespero, é pelo espelho que Dorothy se comunica com Oz. No palácio de Mombi, o exagero de espelhos coincide com a personalidade vaidosa e egocêntrica da bruxa. Já quando se trata de Ozma, a

sensação é de que Dorothy e a nova rainha de Oz se completam. Quando Dorothy deseja estar em Oz e no Kansas ao mesmo tempo, é Ozma quem surge, como se ela fosse uma parte de Dorothy, aquela que fica em Oz. Dorothy se despede de seus amigos e uma luz muito forte começa a brilhar. A luz extrema se mistura com o céu e aos poucos se dissipa.

De volta ao mundo real, Dorothy continua dizendo adeus, deitada ao lado de um córrego, suja e machucada. Seus olhos estão vidrados. Um latido distante chama sua atenção. É Totó. Seu tio chega correndo logo em seguida e grita de alegria. Pelas reações é possível perceber que estavam procurando desesperados por Dorothy há um bom tempo, mas não fica claro se foram horas, dias ou semanas. Tia Em explica que o hospital pegou fogo na tempestade e Dr. Worley não resistiu ao incêndio. Em um plano peculiar, vemos a enfermeira chefe, que compartilha o rosto com Mombi, sendo levada presa, deixando uma ponta solta. Por que ela foi presa? Aqui parece que Oz e a realidade se misturam de uma forma diferente. Dorothy também viu o Rei Nome morrer em meio as chamas, da mesma forma que Dr. Worley morreu. Surge também o questionamento sobre qual foi a intenção ao inverter essas rimas visuais e narrativas: implicar que essas duas realidades existem? Talvez toda essa questão não existisse se o hospital psiquiátrico não estivesse no filme. A única “prova” de que o hospital realmente existiu é a fala de tia Em relatando o incêndio. Caso essa fala não estivesse ali, haveria a possibilidade de até mesmo o hospital ser uma criação da mente de Dorothy.

Pequenos detalhes, como a enfermeira sendo presa sem explicação, também trazem à tona inúmeras hipóteses sobre o que realmente se passou. É possível que essas duas realidades, Kansas e Oz, coexistam paralelamente, uma sendo a versão distorcida da outra, tendo inclusive acontecimentos semelhantes como apresentado anteriormente. As circunstâncias que levaram Dorothy a Oz também podem representar uma experiência de quase morte. Diversas pessoas que passaram por isso relatam uma viagem a um local mágico¹³, na maioria das vezes acolhedor e com muitos estímulos visuais e sonoros (GREYSON, 2021), e, em *Return to Oz*, é uma “luz no fim do túnel” que traz Dorothy de volta à realidade.

¹³ TAVARES, Mariza. Médico detalha as experiências de quase morte dos pacientes. Postado em: 2 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2021/03/02/medico-detalha-as-experiencias-de-quase-morte-de-pacientes.ghtml>. Acesso em: 23 mai. 2021.

Do ponto de vista social e de gênero, considerando Dorothy uma menina que logo entrará na adolescência, Oz pode ser uma representação da infância que ela não quer perder. Esperando um lugar animado e brilhante como no passado, ela encontra algo mais sombrio, mais sério, da mesma forma que a vida muda em diferentes estágios, exigindo maiores responsabilidades. Dessa forma, podemos olhar os personagens de uma forma diferente. Os homens-rodas claramente deixam Dorothy desconfortável enquanto a perseguem, assediando-a de forma verbal e a encurralando, a realidade de muitas meninas na adolescência e vida adulta. Mombi é a vaidade personificada da forma mais exagerada. Uma mulher cruel que tenta roubar a beleza das outras, obcecada pelas aparências e certamente um exemplo de mulher que Dorothy não quer se tornar. Rei Nome, o grande vilão, claramente representa a opressão masculina, e arriscaria dizer que pode até mesmo ser uma personificação do patriarcado. Minha tese se foca na hipótese de que o mundo mágico é apenas uma criação da mente de Dorothy por causa de um transtorno relacionado à psicose e ao trauma, mas essas outras possibilidades existem e podem também ser abordadas mais profundamente.

De volta para casa, a construção já está quase terminada, apontando uma passagem de tempo mais longa do que apenas alguns dias, tornando o desaparecimento de Dorothy ainda mais preocupante. Agora, Dorothy tem seu próprio quarto e, pelo espelho, se comunica com Ozma. Fica claro que Dorothy desiste de falar sobre Oz com seus tios, por perceber que não vale a pena e para evitar discussões. Ela prefere manter para si o mundo mágico e deixar que os adultos acreditem que ela já não pensa mais nisso. Estranhamente, não há nenhum questionamento por parte dos adultos, talvez por ainda estarem deslumbrados com a volta da sobrinha. Agora, com o céu ensolarado, representando a resolução e a calma após a tempestade, diferente do tempo nublado do início, Dorothy corre alegre com Totó pela fazenda.

Dorothy foi claramente afetada pelo que aconteceu no hospital, porque até Oz, seu lugar seguro e mágico, foi dominado e deteriorado por forças malignas que tinham a mesma face daqueles que tentaram submetê-la ao tratamento de eletrochoque. Acho importante assinalar que o filme inteiro é visto a partir dos olhos de Dorothy, em uma ocularização interna, como explicado anteriormente, segundo Gaudreault e Jost (2009). É a percepção de Dorothy que constrói aquilo que estamos vendo. O mundo mágico é como se fosse uma tradução do que ela sentiu no hospital. Mombi é a

personificação da vaidade e da inveja, enquanto o Rei Nome é uma clara representação da ganância e do sadismo, que ficaram impregnados na mente da menina. Já os homens-roda são apenas ferramentas para inferir medo e desconforto. O papel de vilão aparece como uma versão exagerada daquilo que Dorothy sentiu e enxergou no mundo real: aprisionamento, medo e opressão.

Levando em conta os dados e fatos analisados neste e em capítulos anteriores, é clara a intenção do diretor de incluir um elemento destoante do universo mágico de Oz, para despertar questionamentos sobre os significados do filme. A constante tristeza e insônia de Dorothy já apontam para a presença de algum problema psiquiátrico. Após o aparecimento do hospital psiquiátrico, essa preocupação se torna mais profunda, principalmente quando o mundo mágico é tomado pelas figuras que Dorothy considera hostis. Sem dúvidas, ele pode ser apreciado como um simples filme de fantasia, mas a análise a partir de um viés psicológico revela camadas mais sombrias.

Walter Murch foi muito corajoso ao transformar a ideia do mundo mágico de uma história tão consagrada em um universo macabro com nuances que apontavam para a loucura. Mesmo recebendo críticas pesadas na época, que fizeram com que Walter Murch deixasse a carreira de diretor de lado, *Return to Oz* criou uma grande comunidade de admiradores dispostos a discutir seus significados, além de mostrar como é possível, por meio de sua estratégia de representação, de forma sutil, despertar a dúvida nos espectadores a respeito da sanidade de Dorothy.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo e análise de *Return to Oz* e os conceitos a ele relacionados, consegui me aprofundar nas entrelinhas do filme e analisar os detalhes que o tornam essencial para este trabalho, buscando sempre elementos que provassem a hipótese do mundo mágico ser criado a partir de um transtorno mental. Meus objetivos iniciais, de apresentar a narrativa e os elementos imagéticos que traduziam esse distúrbio; fazer uma reflexão sobre a representação psicológica no cinema e uma análise mais aprofundada do longa-metragem, foram desenvolvidos nos capítulos anteriores e culminaram nas conclusões aqui apresentadas.

Pude perceber que o diretor faz uma escolha ousada ao inserir o contexto do tratamento de eletrochoque no filme. O fato de não haver uma explicação sobre o real estado mental de Dorothy é o que torna o filme tão intrigante. O uso das rimas visuais, referindo-se aos paralelismos entre realidade e Oz, é uma técnica muito bem empregada e estimulante para os espectadores. Existe uma certa satisfação em assistir às constantes relações entre os dois mundos. Apesar da atenção aos detalhes narrativos e imagéticos, fica claro que não houve grande preocupação em representar de forma verídica o tratamento de eletrochoque, o que denuncia uma realidade presente em toda a indústria cinematográfica. Foi apenas a partir deste trabalho que descobri que a ECT realmente tem benefícios e não é um método datado e maléfico.

Entende-se essas incongruências como liberdades poéticas, que valorizam a narrativa em detrimento da representatividade fiel. Como uma pessoa que sofre com transtornos psicológicos, é um pouco desanimador saber que são poucos os filmes que realmente tentam trazer uma representação fiel à realidade, mas isso me impulsiona a criar projetos audiovisuais que promovam representatividade responsável. Notei, ao analisar *Return to Oz*, que, mesmo filmes que não se promovem como sendo sobre distúrbios mentais, ao serem analisados pelo viés da psiquiatria, provavelmente terão algum personagem que se encaixa em um dos inúmeros diagnósticos possíveis. Entrando em contato com manuais de medicina, percebi o quão limitado é o nosso conhecimento sobre os distúrbios da mente humana e pude aumentar minha perspectiva sobre a área.

Ficou claro também como a comunidade cinematográfica pode mudar a percepção de um filme. *Return to Oz* foi extremamente mal-recebido na época de seu lançamento, mas, com o passar das décadas, juntou muitas pessoas interessadas e

dispostas a discutir os possíveis significados do filme. Após minha pesquisa, acredito que, com o aumento de plataformas para o estudo e troca de ideias sobre cinema, novas perspectivas sobre diferentes filmes surgirão, criando uma variedade de opiniões que fomentam essas discussões.

É indiscutível que a época e a situação do mundo influenciam muito as produções audiovisuais, mas isso se tornou ainda mais evidente quando analisei filmes de temática infantojuvenil da década de 1980. Mesmo que não propositalmente, a instabilidade e apreensão da época foram traduzidas para esses filmes, da mesma forma que filmes feitos durante a pandemia mundial pela qual estamos passando talvez tenham, em sua maioria, um tom mais pesado, ou, por outro lado, de esperança.

Comparando o filme musical *O Mágico de Oz*, de 1939, com *Return to Oz*, consegui criar paralelos entre as obras, tanto de semelhanças quanto de diferenças, além de tomar consciência de que a existência de um filme não tira a importância do outro; meu interesse por releituras macabras de clássicos apenas aumentou. As

diferenças estéticas são gritantes e me mostraram como a mesma história, pertencente ao mesmo universo, pode ter abordagens totalmente diferentes. Pude perceber, também, que o transtorno psicótico breve é realmente o distúrbio que mais se aproxima dos sintomas apresentados por Dorothy no filme. Apesar de não ter nenhuma pretensão de diagnosticar a personagem e de o filme não ser totalmente fiel à realidade, ao estudar manuais de psiquiatria se torna inevitável ligar os dados apresentados com a representação do filme. Novamente, é importante levantar que esta é apenas uma aproximação e não um diagnóstico, visto que para isso é necessário um profissional da área.

Analisando outras obras que abordam o tema dos transtornos mentais, como *Cisne Negro* (2010, Darren Aronofsky), *Mr. Robot* (2015-2018, Sam Esmail) e *911* (2020, Lady Gaga), notei como as estratégias de representação de vários distúrbios nos diferentes projetos se assemelham. Tratam-se, em sua maioria, de jogos imagéticos e narrativos que, de forma autoexplicativa, apresentam uma distorção da realidade, seja por meio de distorções literais ou paralelos entre o real e o imaginário. O diferencial de *Return to Oz* é que a psicologia não é o tema foco do filme. Ela se apresenta como plano de fundo para a criação de novos significados. Ficou claro para mim que, muito além do roteiro intrigante e perspicaz, a direção de arte tem um imenso papel na criação da atmosfera e das conexões entre os dois mundos. É por meio dela também que a estética dos dois mundos se apresenta de maneira bastante pontual,

fazendo com que o uso dos mesmos atores para diferentes papéis não se torne confuso. As diferenças de figurino e cenário são gritantes, mas, ao mesmo tempo, mantêm uma ligação com o mundo real.

Apesar das descobertas e de ter podido aprofundar minha teoria sobre o filme, com este estudo surgiram também dúvidas que, até o momento, não foram respondidas, mas que poderão ser aprofundadas em pesquisas futuras. Ainda curiosa é a vontade de Walter Murch de inserir o hospital de ECT em um universo onde o procedimento não existia anteriormente. Os livros de L. Frank Baum, nunca tiveram a presença de uma clínica, muito menos uma que praticasse terapia de choque. Levando em conta esse fato, surge o questionamento sobre se, para Walter Murch, a primeira viagem de Dorothy para Oz, apenas comentada por Dorothy no hospital, e conhecida a partir do musical de 1939, teria sido também obra de um transtorno psicológico. Essa ideia pode parecer sádica ou doentia por parte do diretor, mas é também o que torna o filme tão interessante.

Neste trabalho pude esmiuçar minhas hipóteses sobre os significados de *Return to Oz*, mas, ao mesmo tempo, percebi que não há uma resposta absoluta. Não é possível encontrar um significado único que faça jus ao que todos os espectadores pensam, apenas analisar uma hipótese que, a partir do meu ponto de vista, se mostrou bastante plausível. Foi interessante me aprofundar em conceitos da psiquiatria e da psicologia, pois me interessei muito pelo tema, e, ao mesmo tempo, perceber que minha teoria realmente se alinha com o que o filme apresenta. Dos aspectos mais gerais aos mínimos detalhes, com a análise desenvolvida, tenho quase certeza de que a ideia por trás dessas escolhas foi realmente traduzir o mundo mágico a partir de um distúrbio de Dorothy. Entretanto, a teoria que parece plausível para mim, pode parecer absurda para outra pessoa. São níveis de percepção diferentes, que se moldam de acordo com nossas vivências. Percebo que existem inúmeras outras possibilidades a serem exploradas com esse filme: realidades paralelas, apenas imaginação, controle mental, experiência de quase morte, entre muitas outras, o que não torna a minha pesquisa menos válida. Mesmo com tantos outros caminhos a serem explorados, acredito que o mundo mágico de Oz ter sido criado a partir do transtorno psicótico breve de Dorothy é uma das hipóteses mais prováveis para a interpretação do filme.

Chego à conclusão de que *Return to Oz* não precisa ter apenas uma explicação ou significado. É o dinamismo de possibilidades criado por um elemento inovador na

história que torna o filme tão intrigante. Levarei como uma possibilidade para ser utilizada na realização de filmes futuros a estratégia de transmitir pelas entrelinhas, sem precisar de muitas explicações ou exposição, para deixar que a mente do público fomenta e adicione elementos à discussão sobre a obra.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Paulo; et al. Psicoses. In: DUNCAN, Bruce; et al. **Medicina ambulatorial: Conduas de Atenção Primária Baseadas em Evidências**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed. 2013. p.1124-1138.
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 1 ed. Lisboa: Texto e Grafia. 2009.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A Análise do Filme**. 1 ed. Lisboa: Texto & Grafia; 2009, p. 5-258.
- A HISTÓRIA sem fim. Diretor: Wolfgang Petersen. Intérpretes: Noah Hathaway; Barret Oliver; Deep Roy; Gerald McRaney. [S.I.] Bavara Studios. 1984. 1 DVD (107 min) son., color.
- A LENDA. Direção: Ridley Scott. Intérpretes: Mia Sara; Tim Curry; Tom Cruise; David Bennet. [S.I.] Universal Pictures. 1985. 1 DVD (114 min) son., color.
- ALICE no país das maravilhas. Diretores: Clyde Geronimi; Wilfred Jackson; Hamilton Luske. Intérpretes: Kathryn Beaumont; Ed Wynn; Sterling Holloway; Verna Felton. [S.I.] Disney. 1951. 1 DVD (75 min) son., color.
- ARS-CURANDI WIKI. Medicina Hospitalar no século XIX. **Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa**. [s.d.]. Disponível em: https://ars-curandi.wikia.org/pt/wiki/Medicina_hospitalar_no_s%C3%A9culo_XIX#. Acesso em: 15 mai.2021.
- BANKS, L. A. **The Hidden Meaning of Return to Oz**. 2018. Disponível em: <https://vocal.media/geeks/the-hidden-meaning-of-return-to-oz> . Acesso em: 20 ago. 2020.
- BAUM, L. Frank. **The Wonderful Wizard of Oz**. 1 ed. EUA: George M. Gill. 1900.
- _____. **The Marvelous Land of Oz**. 1 ed. EUA: Reilly & Britton. 1904.
- _____. **Ozma of Oz**. 1 ed. EUA: Reilly & Britton. 1907.
- _____. **Tik-Tok of Oz**. 1 ed. EUA: Reilly & Britton. 1914.
- _____. **The Scarecrow of Oz**. 1 ed. EUA: Reilly & Britton. 1915.
- _____. **The Tin Woodman of Oz**. 1 ed. EUA: Reilly & Britton. 1918.
- BENOSKI, Diogo. **Cinema: representação e loucura**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/102239/212596.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 20 abr. 2021.

- CHERRY, Kendra. **A Historical Timeline of Modern Psychology**. Postado em: 30 abr. 2020. Disponível em: <https://www.verywellmind.com/timeline-of-modern-psychology-2795599#:~:text=Important%20Psychology%20Events%3A%201900%20to%201950&text=1901%3A%20The%20British%20Psychological%20Society,his%20findings%20on%20classical%20conditioning>. Acesso em: 03 jun. 2021.
- CRIPPA, José. **Eletrochoque: mentiras e verdades que você precisa saber**. Postado em: 22 ago. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/letra-de-medico/eletrochoque-mentiras-e-verdades-que-voce-precisa-saber/>. Acesso em: 21 set. 2020.
- CUIDADO PELA VIDA. **O que é depressão psicótica? Saiba mais sobre sintomas e tratamento!** Postado em: 15 mai. 2019. Disponível em: <https://cuidadospelavida.com.br/saude-e-tratamento/depressao/depressao-psicotica>. Acesso em: 21 set. 2020.
- CLARK, David. Nineteenth-century doctors and care of the dying. Oxford, Reino Unido. Nov 2016. **Oxford Medicine**. Disponível em: <https://oxfordmedicine.com/view/10.1093/med/9780199674282.001.0001/med-9780199674282-chapter-1>. Acesso em: 3 jun. 2021.
- CARPENTER, William; et al. Espectro de Esquizofrenia e outros transtornos psicóticos. In: BITTENCOURT, Cláudia. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed. 2014, p. 87-122.
- ESTADO DE MINAS. **Década de 1970, os “Anos de Chumbo” que abalaram a Europa**. Postado em: 15. Jan. 2019. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/01/15/interna_internacional,1021569/decada-de-1970-os-anos-de-chumbo-que-abalaram-a-europa.shtml. Acesso em: 3 jun. 2021.
- FIKS, José. **Delírio, um novo conceito projetado em cinemas**. 1 ed. São Paulo: Via Lettera. 2002.
- FYFE, Thomas. **Animation Discussion- Return to Oz (1985)**. BlobStudios. Postado em: 14 mar. 2016. Disponível em: <http://blobstudios.com/blog/2016/03/animation-discussion-return-to-oz-1985/>. Acesso em: 11 dez. 2020.
- GABLER, Neal. **Vida, o filme**. 1 ed. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das letras. 1999.
- GAUDREULT, Andre; JOST, François. **A Narrativa Cinematográfica**. 1 ed. Brasília: UNB. 2009.
- GUEDES, Paulo; ARNT, Enio. **Eletrochoqueterapia**. Porto Alegre, 1958. 35 f. Trabalho da cadeira de 2º ano de Clínica Psiquiátrica. Medicina - Universidade do Rio Grande do Sul.

GREYSON, Bruce. **After: A Doctor Explores What Near-Death Experiences Reveal About Life and Beyond**. 1 ed. Nova York: St. Martin's Essentials; 2021.

HAGE, Ricardo. **Como o Technicolor mudou o mundo dos filmes**. Falando de Fotografia o Tempo Todo. Postado em: 13 mar. 2018. Disponível em: <https://ricardohage.com.br/2018/03/13/como-o-technicolor-mudou-o-mundo-dos-filmes/#:~:text=Essa%20tecnologia%20usava%20uma%20c%C3%A2mera,ao%20mesmo%20tempo%20e%20sincronizados>. Acesso em: 11 dez. 2020.

HAIKAL, Priscilla. **Existem tipos de depressão; conheça os 8 mais comuns e seus sintomas**. UOL. Postado em: 03 out. 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/10/03/tipos-de-depressao-sintomas-e-como-identificar.htm>. Acesso em: 22 set. 2020.

HARMETZ, Aljean. After 46 years, Hollywood revisits Oz. **The New York Times**, Nova York, ano 134, n. 2, p.1, 16 jun. 1985. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1985/06/16/movies/after-46-years-hollywood-revisits-oz.html>. Acesso em: 22 set. 2020.

_____. **The Making of The Wizard of Oz**. 3 ed. Chicago: Chicago Review Press. 2013.

HYLER, Steven. DSM-III at the Cinema: Madness in the Movies. **Comprehensive Psychiatry**. Nova York, Vol. 29, No. 2. 1998.

IMBD. **Return to Oz**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0089908/>. Acesso em: 23 set. 2020.

IMDB. **The Wizard of Oz**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0032138/>. Acesso em 23 set. 2020.

LABIRINTO – A magia do tempo. Direção: Jim Henson. Intérpretes: David Bowie; Jennifer Connelly; Toby Froud; Brian Henson. [S.I.] Lucasfilm, 1986. 1 DVD (101 min), son., color.

LEOPOLD, Todd. 'The Wizard of Oz at 75' Did You Know...? **CNN**. Postado em: 25 ago. 2014. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/08/25/showbiz/the-wizard-of-oz-75th-anniversary/index.html>. Acesso em: 10 dez. 2020.

LINTELMAN, Ryan. **The Technicolor World Of Oz**. National Museum of American History. Postado em: 7 jun. 2010. Disponível em: <https://americanhistory.si.edu/blog/2010/06/the-technicolor-world-of-oz.html>. Acesso em: 11 dez. 2020.

MANDAL, Ananya. **História da terapia de eletrochoque**. Postado em: Fev. 2019. Disponível em: [https://www.news-medical.net/health/Electroconvulsive-Therapy-History-\(Portuguese\).aspx#:~:text=A%20terapia%20convulsiva%20do%20uso,do%20M](https://www.news-medical.net/health/Electroconvulsive-Therapy-History-(Portuguese).aspx#:~:text=A%20terapia%20convulsiva%20do%20uso,do%20M)

uller%20su%C3%AD%C3%A7o%20do%20psiquiatra. Acesso em: 21 set. 2020.

MICHAELS, Davida. **Brief History of American Hospitals**. Postado em: 01 out. 2019. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5b3d0a51c3c16a31624ce3f9/t/5d9a482afc89f51722a1413d/1570392110473/A+Brief+History+of+Hospitals+in+America+Revised.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

MULLINS, Travis. Faizura Balk Talks Return to Oz Documentary. **DreadCentral**. Postado em 20 out. 2017. Disponível em: <https://www.dreadcentral.com/news/258481/fairuza-balk-talks-return-oz-documentary/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

O LABIRINTO do fauno. Diretor: Guillermo del Toro. Intérpretes: Ivana Baquero; Doug Jones; Maribel Verdú; Sergi Lopez. [S.I.] Warner Bros. 2006. 1 DVD (118 min) son., color.

OLIVA, Vitor. O retrato da psiquiatria pelos cinemas norte-americano e brasileiro. **Rev Psiq Clín**. 2010; 37(2): 89-95. Jun. 2009.

OLIVETO, Paloma. **Terapia com eletrochoque ainda é alvo de críticas de especialistas**. Postado em: 02 out. 2016. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2016/10/02/interna_ciencia_saude,551593/terapia-com-eletrochoque-ainda-e-alvo-de-criticas-de-especialistas.shtml. Acesso em: 26 mai. 2021.

OS MUSICAIS. 1939 – **The Wizard of Oz (O Mágico de Oz)**. Postado em: 20 jul. 2010. Disponível em: http://osmusicaisdomundo.blogspot.com/2010/02/os-notaveis-musicais-da-decada-de-30_175.html. Acesso em: 10 dez. 2020.

PERRUSI, Arthur. **Imagens da loucura: representação social da doença na psiquiatria**. 1 ed. São Paulo: Cortez. 1995.

PFIZER. **Saiba quais são as diferenças entre depressão e tristeza**. Postado em: 3 jul. 2019. Disponível em: <https://www.pfizer.com.br/noticias/ultimas-noticias/diferencas-entre-depressao-e-tristeza#:~:text=Dura%C3%A7%C3%A3o%20%2D%20enquanto%20a%20tristeza%20dura,dura%20mais%20de%20duas%20semanas>. Acesso em: 23 abr. 2021.

PIMENTA, Tatiana. **Psicose: Tipos, sintomas e tratamento**. Postado em: 18 mai. 2019. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/psicose/>. Acesso em: 21 set. 2020.

PORFÍRIO, Agamenon. Resenha – A Análise do Filme. **Revista Temática**, Bahia, ano XIV, n. 9, p. 219-224, set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/41838>. Acesso em: 12 out. 2020.

- PSICANÁLISE CLÍNICA. **Paranoia**: significado em Psicologia. Postado em: 9 jul. 2020. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/paranoia/>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- PSICOLOGIA VIVA. **É depressão ou tristeza?** 5 dicas para compreender e diferenciar uma da outra. Postado em: 5 ago. 2019. Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/e-depressao-ou-tristeza/>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- RAMADAM, Zacarias Borges Ali. Delírio, um novo conceito projetado em cinemas. **Revista Psiquiatria Clínica**. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 35, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010160832003000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2020.
- RETURN to Oz. Direção: Walter Murch. Intérpretes: Nicol Williamson; Jean Marsh; Piper Laurie; Faizura Balk. [S.l.] Walt Disney Studios, 1985. 1 DVD (105 min), son., color.
- SINGH, Tarsem; GAGA, Lady. 911. [S. l.: s. n.]. 18. Set. 2020. 1 vídeo (4 min 42s). Publicado pelo canal Lady Gaga. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=58hoktsqk_Q&ab_channel=LadyGagaVEVO Acesso em: 10 dez. 2020.
- SONENREICH, Carol. Prefácio. In: FIKS, Paulo. **Delírio, um novo conceito projetado em cinemas**. 1 ed. São Paulo: Via Lettera; 2002.
- TAVARES, Mariza. **Médico detalha as experiências de quase morte dos pacientes**. Postado em: 2 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2021/03/02/medico-detalha-as-experiencias-de-quase-morte-de-pacientes.ghtml>. Acesso em: 23 mai. 2021.
- THE MAKING of Return to Oz. [S. l.: s. n.]. 11 abr. 2019. 1 vídeo (19 min 11s). Publicado pelo canal Retro Reels. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tnwQiEsBjTI&ab_channel=RetroReels. Acesso em: 25 set. 2020.
- THE WIZARD of Oz. Direção: Victor Fleming. Intérpretes: Judy Garland; Frank Morgan; Ray Bolguer; Jack Haley. [S.l.] Metro-Goldwyn-Mayer, 1939. 1 DVD (101 min), son., preto e branco, color.
- UNIVERSITY OF WASHINGTON. **Wayside Mission Hospital operating room showing Dr. de Soto holding hand of patient while administering anesthesia**, Seattle, Washington, between 1899 and 1904. [s.d.]. Disponível em: <https://digitalcollections.lib.washington.edu/digital/collection/social/id/8784/>. Acesso em: 03 jun. 2021.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 5 ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus; 2008.

- WALTER Murch – Difficult time post ‘Return to Oz’ (129/320). [S. l.: s. n.]. 8 set. 2017. 1 vídeo (5 min 2s). Publicado pelo canal Web of Stories- Life Stories of Remarkable People. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=wfiF19bsDPo&ab_channel=WebofStories-LifeStoriesofRemarkablePeople. Acesso em: 23 set. 2020.
- WALTER Murch – The Underlying Message in ‘Return to Oz’ (128/320). [S. l.: s. n.]. 8 set. 2017. 1 vídeo (4 min 34s). Publicado pelo canal Web of Stories- Life Stories of Remarkable People. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=xQ-W2yw71vU&ab_channel=WebofStories-LifeStoriesofRemarkablePeople. Acesso em: 22 set. 2020.
- WALTER Murch – Why ‘Return to Oz’ seems scary (127/320). [S. l.: s. n.]. 8 set. 2017. 1 vídeo (4 min 53 s). Publicado pelo canal Web of Stories- Life Stories of Remarkable People. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=SpaV2_vT4Ps&ab_channel=WebofStories-LifeStoriesofRemarkablePeople. Acesso em: 23 set. 2020.
- WALTER Murch – Writing the Screenplay for ‘Return to Oz’ (120/320). [S. l.: s. n.]. 13 set. 2017. 1 vídeo (3 min 2 s). Publicado pelo canal Web of Stories- Life Stories of Remarkable People. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=IKTGmHA27yc&ab_channel=WebofStories-LifeStoriesofRemarkablePeople . Acesso em: 22 set. 2020.
- WIKIPÉDIA. **Lista dos livros da série Terra de Oz**. Postado em: 24 jul. 2020. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_livros_da_s%C3%A9rie_Terra_de_Oz . Acesso em: 30 set. 2020.
- XIMENES, Larissa. **Qual é o grande segredo dos filmes dos anos 80?** Postado em: 23 fev. 2018. Disponível em: <https://www.showmetech.com.br/qual-e-o-grande-segredo-dos-filmes-dos-anos-80/#:~:text=A%20quebra%20de%20conven%C3%A7%C3%B5es&text=Mas%20talvez%20um%20dos%20grandes,no%20mundo%20cinematogr%C3%A1fico%2C%20quebrando%20conven%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 25 mar. 2021.